



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS - LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL

**NATUREZA E DIREÇÕES DAS MUDANÇAS LINGUÍSTICAS OBSERVADAS
ENTRE OS ÚLTIMOS FALANTES DO KOKÁMA NATIVOS DO BRASIL**

CHANDRA WOOD VIEGAS

BRASÍLIA

2010



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS- LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA - PPGL

**NATUREZA E DIREÇÕES DAS MUDANÇAS LINGUÍSTICAS OBSERVADAS
ENTRE OS ÚLTIMOS FALANTES DO KOKÁMA NATIVOS DO BRASIL**

CHANDRA WOOD VIEGAS

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Línguas Indígenas

Orientadora: Ana Suelly Arruda Câmara Cabral

BRASÍLIA

2010



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS -
LIP

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA - PPGL

NATUREZA E DIREÇÕES DAS MUDANÇAS LINGUÍSTICAS OBSERVADAS
ENTRE OS ÚLTIMOS FALANTES DO KOKÁMA NATIVOS DO BRASIL

CHANDRA WOOD VIEGAS

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (UnB) - Orientadora

Prof^a. Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues (UnB) - Membro interno

Prof^a. Dr^a. Maria Risolêta Silva Julião (UFPA) - Membro externo

Prof^a. Dr^a. Tânia Conceição Clemente de Souza (UFRJ) - Membro suplente externo

BRASÍLIA

2010

“Falo agora sobre comunidade que será, que é coisa importante, a gente pode ser ajudado de alguns, gente que pode ajudar, que tem dinheiro, alguma coisa. Eu digo, então bora fazer uma reunião, vamos. Quando que podemos fazer? Vamos fazer sábado, chama todos, avisa todos, avisa hoje, sábado todo mundo tá aqui. Aí chamamos e já juntamos e começamos a conversar:

Bem pessoal, nós mandamos convidar vocês aqui pra nós resolver uma coisa aqui, vamos fazer uma comunidade. Vamo ver se nos pode ter alguma ajuda dos outros. Aí dizer então vamos, vamos trabalhar de forma assim, vamos ajudar um ao outro. Aí o outro disse: vamos, que eu nunca vi comunidade, mas eu vou querer agora, como é a comunidade tem que ser ajudado mesmo? É tem que ser ajudado, ajudado quer dizer, a comunidade, vamos morar todos juntos, unido e trabalhar unido também assim, tudo ajudando um ao outro então vamos. E aí começamos destravando desde daquele tempo.

Aí chega já o coisa do campo avançado, dizendo assim, chegaram aí trazendo remédio pra gente, tomando injeção em gente e fazendo mais outras coisa mais. Aí ele disse pra mim, - Bem, você que é chefe de comunidade? - Sim eu sou, eu sou chefe de comunidade. - É que eu ouvi dizer que vocês são Kokáma. - Somos mesmo. - Mas vocês falam a língua? Eu disse, falamos. Olha não vão deixar de falar a língua de vocês. Ele ainda me deu uma coisa bom né, aí dizem que não, um dia vai servir pra vocês, a língua de vocês, a fala de vocês kokáma.

- É se, eu disse, se for assim vamos continuar sempre, aguentar lá. Aí felicidade, animado que não tinha professor pra nós, aí inventamos de novo, vamos conseguir um professor pra nós, vamos pedir lá no tikuna, aí tikuna disseram assim: - Não, vocês primeiro coloca filho de vocês aqui em feijoal, vocês dão colaboração pra gente em tábua, que a gente deixa vocês ensinar filho de vocês aqui. - Verdade? - Aí nós já juntamos e fomos pro mato cortar madeira pra tirar tábua, aí nós tiramos quase que umas 20 dúzias de tábua pra ajudar eles lá, aí, outros estavam trabalhando lá na casa, aí nós fizemos, trabalhamos, fizemos 12 caminhadas, 12 viajadas lá pra feijoal, aí depois desde que terminamos a escola toda, não sei como é que é o nome dessa dona que chegou primeiro, lá, uma tal de Felicidade, a Luisa, ela era freira também, aí ela disse: - Eu vou mandar chamar fulano, ela tá com vontade de vir para cá, conhecer, eu vou chamar pra ela ser professora de vocês. - Tá certo, muito bem, aí já começaram os meninos, naquele tempo meus filhos Francisco, outros, Luis, todos da roda, todos eram pequenininhos, mais ou menos com 6 anos, 7 anos mais ou menos, começaram a estudar. Luis ia com 10, o outro com 8, outro com 12, o maiorzinho que acompanhava, sem mentira nenhuma eles agüentaram, foi um ano. Francisco não é que vocês estudaram em feijoal a remo? Quatro anos, foi, quatro anos os coitados sofreram, até que no final eles pegaram um temporal no meio dos rio, alagaram, quase ia morrendo toda as criançada, aí eu disse não. Aí nós pensamos bora fazer uma escola aqui. Aí dona Luisa garantiu um professor, aí o pessoal vai esperar, aí antes de a gente fazer, chega a Felicidade, chega a Felicidade e diz assim: oh pessoal, vem me buscar a remo, aí nós fomos buscar, quando é essa escola que quero ensinar logo breve pra vocês. Quero dar aula logo breve, já convidamos o pessoal. Quando foi com uma semana, já ta pronta a escola, aí liguei agora parece que já ta pronta, pode ir logo começar a trabalhar. Aí ela veio ensinou, ensinou, aí, então um ano neh? Um ano só, um ano, aí depois ela voltou pra lá mesmo pra feijoal, aí depois disse

ela deu uma ajuda pra Francisco, aí foram já pra ele ser professor, apresentar pra ser professor, como é o do cara que veio pra ser professor. Aí passa uma dona que era diretora de educação, aí ela apresentou você né, aí ela já fala com nós, eles já tinha trabalhado 6 meses sem ganhar, aí começaram a colocar a gente na lista como professor. Entonce, aí, ela voltou pra feijoal e ela falou com nos mesmos pessoal: eu to precisando agora de uma balsa, pra fazer uma casa lá pra guardar, o que era o idealizador dela né, flutuantezinho. Nós trabalhamos mais por 3 dias, três dias nós aprontamos, fizemos tudo. Aí ela deu só deu um almocinho e pronto, ficou lá pra ela, aí depois passa uns tempos que ela trabalhava lá, uns três anos mais ou menos, aí chegou o padre e assim disse: - Bem, ei Antônio, tu é aquele chefe da comunidade, você da um pulo la na FUNAI. Naquele tempo a FUNAI tinha força né? Tava por dentro, vai lá com a FUNAI que eu conheço vocês são um tribo, eu no meu entendimento vocês são de um tribo, vai lá com a FUNAI e fala diz eu sou Kokáma assim, assim, contando o passado como é, que nós lá sofremos muito, não temos nenhuma ajuda, aí umas três vezes que o padre ia pra Sapotal ele dizia pra mim isso. Eu gravei isso, fiquei guardando, até que um dia os Tikuna já do mesmo jeito procurando quem era da parte indígena e eu não tava naquele dia, quando passaram foi até o padre Inácio, padre Inácio vinha fazendo esse trabalho na beirada e eu num tava, parece que eu tava pra Tabatinga, e aí ele para lá, com um tal de Alexandre...Então quando ele fez esse trabalho, passou direto e foi com os outros mais na frente, levantamento das tribos que pertencem a índio, e foram, e não demoraram chegou já o Paulo Mendes, fazendo outro levantamento,.....Aí eles foram dizer que nós éramos uma tribo Kokáma ...naquele tempo só era puro Kokáma...

Seu Antônio Samias (cacique Kokáma), que lutou bravamente para que a sua língua não morresse. Depoimento dado à Ana Suelly A. C. Cabral, Sapotal, 1988).

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família o apoio e o incentivo dados aos meus estudos nos momentos mais difíceis.

Agradeço ao Aryon Dall'Igna Rodrigues por ter aberto esse espaço para o estudo das Línguas Indígenas, já há 11 anos, que é o Laboratório de Línguas Indígenas (LALI). Neste Laboratório tenho colegas indígenas, o que para mim tem sido uma experiência muito gratificante, aos quais agradeço pelas conversas e pelas discussões linguísticas, são eles Aisanain Paltu Kamaiurá, Anita Fermin Vasques, Edilson Martins Melgueiro Baniwa e Joaquim Paulo de Lima Kaxinawá. Os demais colegas não-indígenas com quem tenho estudado e pesquisado são Andrébio Márcio Silva Martins, Ariel Pheula do Couto e Silva, Edineide dos Santos Silva, Fernando Orphão de Carvalho, Letícia de Souza Aquino, Lidiane Szerwinsk Camargos, Marcelo Pinho de Valhery Jolkesky, Maxwell Gomes Miranda, Nadia Maria Jorge Medeiros, Sanderson Castro Soares de Oliveira, Suseile Andrade Sousa. Todos os colegas contribuíram para a minha formação. Agradeço também ao Prof. Aryon Dall'Igna Rodrigues pela paciência e pela maestria em ensinar os conhecimentos, que com tanto apreço ele desenvolve, sobre línguas indígenas brasileiras.

Agradeço a Prof^a. Ana Suely A. C. Cabral pela orientação e pelos dados da língua Kokáma coletados entre 1988 e 1996, que não hesitou em me disponibilizar para que pudesse por meio deles aprender a língua Kokáma e ajudar no processo de ensino dessa língua para professores Kokáma. Agradeço também por ter me proporcionado a experiência com o trabalho e o convívio com os professores Kokáma do Curso da OGPTB/UEA e, fundamentalmente, pela orientação desta dissertação.

Aos graduandos do *Curso de licenciatura para professores indígenas do Alto Solimões* que são todos de origem Kokáma, agradeço pela troca de experiências, pela oportunidade de aprender a ensinar em conjunto a língua Kokáma no Brasil.

Agradeço a Altaci Corrêa Rubim Kokáma, minha colega e amiga, pelas informações sobre os Kokáma de Manaus e de outras regiões do Alto Solimões. Também por me auxiliar durante as duas últimas etapas do *Curso de licenciatura para professores indígenas do Alto Solimões*.

Agradeço à Prof^a. Dr^a. Maria Risolêta Silva Julião pelas importantes críticas e sugestões feitas ao meu trabalho.

Finalmente, agradeço pelo apoio financeiro que subsidiou minha pesquisa, concedido por meio dos seguintes projetos: *Banco de dados de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília* - CNPQ (processo: 484727/2006-0), *Fortalecimento da linha de Pesquisa, Descrição e Análise linguística de Línguas Indígenas do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Brasília* - CNPQ (processo: 401579/2008-5) e *Rede de formação de novos pesquisadores em línguas indígenas brasileiras* – PROCAD/CAPES (processo: 233/2007).

RESUMO

Esta dissertação trata das reduções estruturais em uma língua indígena sul-americana obsoleta, falada antigamente no Peru, na Colômbia e no Brasil, mas que atualmente é falada como primeira língua apenas no Peru. Trata-se da língua Kokáma, a qual possui três variedades conhecidas como Kokáma, Kokamilla e Omágwa. Esta última tem apenas lembradores no Brasil. O presente estudo segue a abordagem dada à obsolescência linguística por Dorian (1981), Hill (1981), Campbell e Muntzel (1989) e Thomason (2001), todos os quais consideram fatores sociais e linguísticos nos processos de obsolescência. O principal objetivo deste estudo é o uso dos resultados em favor do ensino da língua Kokáma em programas de revitalização que objetivam o reviver do Kokáma no Brasil, mesmo que seja como segunda língua, uma vez que para os Kokáma a língua nativa de seus pais e avós é a principal expressão de sua identidade.

Palavras-chave: Kokáma, línguas em contato, obsolescência de línguas, revitalização de línguas.

ABSTRACT

This thesis is about structural reductions in Kokama, an obsolescent South American Indian language once spoken in Peru, Colombia, and Brazil. There are three known variants of the Kokama language: The Kokama and the Kokamilla which are still spoken as first language in Peru, and the Omagua which has some remembers in Brazil. The present study follows the approach to language obsolescence by Dorian (1981), Hill (1981), Campbell and Muntzel (1989), and Thomason (2001). The main purpose of this study is to contribute to the revitalization programs aiming at the revival of the Kokáma language in Brazil, even though as a second language, as it is claimed by the Kokáma people to be their main expression of their Kokama identity.

Key words: Kokama, languages in contact, language obsolescence, language revitalization.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1- Mapa do Alto Amazonas (parte ocidental)
Ilustração 2- Mapa do Alto Amazonas (parte oriental)
Ilustração 3- Mapa das Terras Indígenas dos Kokáma no Brasil

ABREVIATURAS

1	=	primeira pessoa do singular
2	=	segunda pessoa do singular
3	=	terceira pessoa do singular
12(3)	=	primeira pessoa do plural inclusiva
13	=	primeira pessoa do plural exclusiva
23	=	segunda pessoa do plural
34	=	terceira pessoa do plural
ABL	=	ablativo
ATN	=	atenuativo
CAUS	=	causativo
DER	=	derivador de verbos transitivos
FF	=	fala feminina
FM	=	fala masculina
INESS	=	inesseptivo
INT	=	Interrogação
LOC	=	locativo
NEG	=	negação
NLZ	=	nominalizador
PERF	=	perfectivo
PL	=	plural
PROJ	=	projetivo
PROP	=	propósito, intenção
REF	=	reflexivo
V	=	vogal

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	v
RESUMO.....	vii
ABSTRACT.....	viii
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	ix
ABREVIATURAS.....	x
INTRODUÇÃO.....	15
0 Considerações iniciais	15
0.1 Fundamentação Teórica e Metodológica.....	17
0.2 Objetivos	17
0.3 Resultados	18
0.4 Os trabalhos existentes sobre a língua Kokáma	18
0.5 Organização da presente dissertação	21
0.6 Conclusão	22
CAPÍTULO I	
Algumas considerações sobre o povo e a língua	
1 Introdução	23
1.1 Localização geográfica e aspectos sociais e culturais do povo Kokáma.....	23
1.2 Sobre a origem da língua Kokáma	27

1.3	A língua Kokáma no Brasil: estado atual.....	30
1.4	O contexto social em que a língua Kokáma tornou-se obsolescente.....	31
1.5	Conclusão.....	32

CAPÍTULO II

Considerações sobre obsolescência e morte de línguas

2	Introdução	33
2.1	Mudanças estruturais e fatores condicionantes	33
2.2	Mudanças estruturais na língua Tembé	37
2.3	Considerações finais	42

CAPÍTULO III

Comparação de aspectos fonéticos e fonológicos do Kokáma do Peru e do Kokáma do Brasil

3	Introdução.....	43
3.1	Breve análise segmental dos sons do Kokáma falado no Brasil.....	43
3.1.1	Demonstração de contrastes através de pares mínimos e análogos.....	46
3.2	Comparação dos dados de Cabral (1988-1996) com os dados de Faust e Pike (1959)	51
3.2.1	Padrões silábicos do Kokáma.....	56
3.2.2	Acento	57

3.2.3	Em termos fonético-fonológicos, quais as diferenças entre o Kokáma do Brasil e o Kokáma registrado por Faust?.....	57
3.3	Conclusão.....	58

CAPÍTULO IV

Kokáma do Peru e Kokáma do Brasil: uma análise contrastiva da morfossintaxe

4	Introdução.....	59
4.1	Análise contrastiva da estrutura das palavras nas duas variantes	59
4.1.1	Classes de palavras.....	60
4.1.1.1	Nomes como complemento de posições.....	61
4.1.1.2	Numerais.....	63
4.1.1.3	Pronomes pessoais.....	71
4.1.1.4	Pronomes demonstrativos.....	79
4.1.1.5	Adjetivos.....	82
4.1.1.6	Verbos.....	83
4.1.1.7	Partículas.....	89
4.1.2	Relativas.....	90
4.1.2.1	O sufixo nominalizador –n.....	90
4.2	Conclusão.....	93

CAPÍTULO V

Reduções Lexicais

5	Introdução.....	95
5.1	Perdas lexicais.....	95
5.2	Conclusão	103
	CONCLUSÃO.....	104
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	107
	ANEXO A - Contribuições dos pesquisadores	111
	Kokáma.....	
	ANEXO B - Descrição do DVD - Volume 1.....	114

INTRODUÇÃO

0 Considerações iniciais

A presente dissertação trata das reduções ocorridas na fala dos últimos falantes nativos da língua Kokáma do Brasil, com vistas à caracterização dessas reduções – natureza e direções. Com este estudo pretendemos contribuir para o conhecimento das mudanças linguísticas ocorridas em uma língua obsolescente em uma situação de atrito de línguas. No caso do Kokáma que foi falado no Brasil como primeira língua, trata-se de uma língua outrora falada por uma minoria étnica que havia migrado do Peru para o Brasil, especificamente para contextos multilingues – os seringais –, mas nos quais predominava o português. O estudo tem também como perspectiva contribuir para a discussão sobre a possibilidade de revitalização linguística de línguas em fase de obsolescência acentuada.

Partimos do pressuposto de que reduções são comuns em situações de obsolescência de uma língua, ou seja, quando uma língua já não é usada como meio de comunicação principal e vai gradativamente sendo substituída por outra (CAMPBELL E MUNTZEL, 1989; DORIAN 1973, 1993; DRESSLER, 1981; THOMASON E KAUFMAN, 1988; THOMASON, 2001). Na maioria dos casos conhecidos, a extinção de uma língua está ligada a uma intensa relação de seus falantes com falantes de uma língua majoritária.

As línguas indígenas sul-americanas têm muito a contribuir para a teoria das mudanças linguísticas, tanto as motivadas por fatores internos quanto as motivadas por contato, e muito ainda deve ser estudado no que diz respeito às reduções que as línguas sofrem quando deslocadas por outras línguas de suas funções de primeira língua. Esses estudos se tornam cada vez mais importantes, sobretudo depois que a preocupação em salvaguardar as línguas minoritárias do mundo cresceu, e, em decorrência disso, passou-se a focalizar a necessidade de incrementar programas de ensino de línguas minoritárias nas escolas, como forma de reforçar o seu uso e garantir a sua continuidade.

No Brasil são poucos os casos de línguas que puderam ser documentadas com profundidade antes de desaparecerem. São também poucos os casos de línguas que morreram

em um país, mas continuam a ser faladas em outros países. O caso do Kokáma é muito singular. Embora tenha sido originalmente falada no Peru, conforme registros históricos dos primeiros séculos da colonização do Amazonas (cf. CABRAL, 1995), uma variante da mesma língua foi falada através das fronteiras do Peru, do Brasil e da Colômbia (*ibidem*), o Omágwa. No final do século XVII, O Pe. Samuel Fritz levou a maioria dos Omágwa que viviam no Brasil para a província de Maynas, no Peru. Com o fim das missões jesuíticas no Marañon e o surgimento das *haciendas* no Peru, muitos indígenas passaram a viver em novos sistemas comandados por patrões. Já no final do século XIX, várias famílias Kokáma deixaram o Peru para trabalhar nos seringais do Alto Solimões e algumas dessas famílias alcançaram o rio Jutáí já no médio Solimões. Nos Seringais, as famílias Kokáma passaram a viver em contato com indígenas de várias etnias e com nordestinos que deixavam sua região para serem soldados da borracha. Nesses contextos, as crianças Kokáma passaram a falar a língua de comunicação nos seringais, que era o português. Salvo os Tikúna, os quais, já no final do século XIX, eram maioria indígena nas beiradas do Solimões e preservaram a língua nativa como primeira língua. Os demais indígenas tiveram que abraçar o português e deixar para trás as suas respectivas línguas nativas. Algumas famílias Kokáma continuaram a falar a língua nativa em casa, mas já na década de 60 o Kokáma era apenas falado pelos velhos. Dos filhos destes, alguns preservaram na memória muitas palavras e frases.

Hoje, os Kokáma do Brasil lutam para retomar a língua nativa de seus pais e avós, mesmo como segunda língua. Felizmente o Kokáma ainda é falado no Peru, embora mesmo lá se encontre enfraquecido. Mas há bons registros do Kokáma do Peru e o Kokáma do Brasil foi razoavelmente registrado por Cabral entre 1988 e 1996.

No presente estudo, analisamos dados da língua Kokáma tal qual foi registrada por Cabral da variedade Kokáma falada no Brasil, tendo como referência os dados do Kokáma do Peru, publicados por Faust e Pike (1959), Faust (1972) e Espinosa (1989). Ao analisar os dados da língua Kokáma no Brasil, identificamos, por um lado, quais as reduções sofridas por essa variante nos níveis lexicais, fonológicos e morfossintáticos e, por outro lado, o quanto de conhecimento da língua Kokáma ficou guardado na memória dos últimos falantes do Kokáma do Brasil.

O foco desta dissertação é a comparação de aspectos da língua dos Kokáma do Brasil, tendo como referência dados do Kokáma do Peru para a identificação de mudanças fonológicas, lexicais e gramaticais ocorridas na versão do Kokáma do Brasil, que foi falado

pelos imigrantes oriundos do Peru, no final do século XIX e no início do século XX. Com este trabalho pretendemos identificar quais os aspectos lexicais e gramaticais do Kokáma que desapareceram da variedade falada no Brasil, tendo em vista o seu ensino nas escolas Kokáma deste país. É necessário que o Kokáma aqui ensinado como segunda língua contenha o maior número de elementos lexicais e de aspectos gramaticais originais da versão da língua Kokáma que era falada como primeira língua em contextos ainda com grau moderado de bilinguismo Kokáma-Espanhol.

0.1 Fundamentação Teórica e Metodológica

Os dados utilizados nesta dissertação foram analisados à luz do modelo teórico sobre línguas em contato de autoria de Thomason e Kaufman (1988), o qual se fundamenta em diferentes casos de mudanças linguísticas motivadas por contato. A análise orienta-se ainda pelos estudos sobre reduções linguísticas em situações de contato realizados por Dorian (1973, 1977, 1980), Thomason (2001), Campbell e Muntzel (1989), Hill (1980), entre outros.

Os dados foram analisados em uma perspectiva contrastiva, sendo assim confrontados os dados coletados no Brasil com dados coletados e publicados no Peru.

As fontes de dados usadas no presente estudo são as seguintes: Espinosa (1989), Faust e Pike (1959), Faust (1972), Cabral (1995) e Cabral (notas de campo gravadas em 1988, 1989, 1992 e 1996 na aldeia Sapotal¹, em Letícia, em Benjamin Constant e em Tabatinga). São ainda considerados dados coletados junto a alguns lembradores da língua que vivem na região do Alto Solimões pelos graduandos do *Curso de licenciatura para professores indígenas do Alto Solimões* (ver Anexo A).

0.2 Objetivos

Os objetivos desta pesquisa são:

¹A aldeia Sapotal localiza-se no município de Tabatinga, Alto Solimões, Estado do Amazonas, na tríplice fronteira (Brasil, Peru e Colômbia).

- a) identificar qual a natureza e extensão das mudanças lexicais e morfossintáticas que têm ocorrido na língua Kokáma falada no Brasil e discuti-las à luz de teorias sobre línguas em contato, especialmente a teoria proposta por Thomason e Kaufman (1988);
- b) mostrar em que sentido os dados do Kokáma contribuem para o conhecimento dos tipos de mudanças e a extensão das mesmas em situações limites de contato linguístico em que há substituição de uma língua por outra;
- c) procurar estabelecer correlações entre as perdas e reduções estruturais identificadas no Kokáma do Brasil e mudanças ocorridas em outras línguas do mundo em situações análogas de contato linguístico.

0.3 Resultados

Os resultados constituem um diagnóstico das principais mudanças estruturais ocorridas na língua Kokáma que foi falada como primeira língua pelos últimos Kokáma nativos do Brasil. Pretendemos, dessa forma, contribuir com dados de uma língua tipologicamente distinta de outras línguas amazônicas para a discussão sobre a natureza e extensão de reduções de uma língua indígena sob a influência do Português falado no Brasil.

0.4 Os trabalhos existentes sobre a língua Kokáma

As variantes da língua Kokáma faladas no Peru foram estudadas principalmente por membros do Summer Institute of Linguistics (SIL) na segunda metade do século passado. O governo do Peru, por meio do Ministério de Educação Pública, desenvolvia nos anos 50 um plano de educação para indígenas, por meio do qual pretendia alfabetizar e “castelhanizar” as numerosas tribos indígenas do país. Supunha-se que os indígenas, aprendendo a ler em sua própria língua, se sentiriam mais atraídos a dominar o idioma nacional. O trabalho de alfabetização indígena foi entregue a membros do Instituto Linguístico de Verão como Norma Faust e Audrey Soderholm, ligados à Universidade de Oklahoma, que conviviam entre os grupos indígenas, objetivando estudar as línguas dos nativos para traduzir a bíblia nessas línguas. A primeira publicação dos missionários do SIL foi uma cartilha bilíngue Kokáma-

Espanhol intitulada *Ini ícua cuatiarayara* (1956), programada para desenvolver a ortografia. Em seguida, foram publicadas as cartilhas de transição que exercitavam o uso das letras do alfabeto de forma gradativa. Em *Cuatiaran 1* (1956) há instruções ao professor de como começar a ensinar as palavras. Em *Cuatiaran 2* (1956) dá-se continuidade ao ensino das palavras, principalmente daquelas referentes a animais, mas também de palavras verbais, com ênfase na construção de frases. *Cuatiaran 3* (1957) focaliza o apredizado das palavras e das sílabas, contendo frases mais elaboradas. *Cuatiaran 4* (1957) incentiva os alunos a lerem as palavras já conhecidas sem a ajuda do professor, assim como auxilia no aprendizado de novas palavras e frases. Em *Cuatiaran 5* são apresentadas as sequências sonoras consideradas as mais difíceis, por exemplo, *wá* e *wí*, a partir de textos.

Em seguida houve a publicação da série de cartilhas suplementares, que acompanhavam o mesmo conteúdo das primeiras cartilhas 1, 2, 3, 4 e 5, acrescentando novas informações: *Cuatiaran 1A* (1957), *Cuatiaran 2A* (1957), *Cuatiaran 4A* (1957). Outra cartilha *Cocama cuatiaran era erucuatata* (1957) apresenta o alfabeto completo da língua Kokáma e trata da prática da leitura de textos fazendo com que os alunos encontrem as letras e sílabas nas palavras já conhecidas e nas novas. Essa cartilha servia também para o ensino de hábitos de higiene.

Nos anos 60 é expandida a aprendizagem do Castelhana em detrimento da língua Kokáma, tendo em vista a integração dos Kokáma aos programas nacionais de educação, em que professores indígenas alfabetizados conduziram os estudos nas escolas da selva peruana.

Norma Faust & Evelyn Pike (1959) publicaram um breve vocabulário Kokáma *Brief Cocama vocabulary* e *The Cocama sound system*. Este último consiste em uma análise fonética segmental da língua Kokáma. Norma Faust publicou *Vocabulario breve del idioma cocama (tupi)* (1959) e *El lenguaje de los hombres y mujeres en cocama* (1963). Essa autora publicou, ainda, um estudo sintático dos tipos de sentenças em Kokáma, fundamentado no modelo tagmêmico, *Cocama clause types* (1971). Escreveu e publicou a *Gramática cocama: Lecciones para el aprendizaje del idioma cocama*, (1972), cuja segunda edição impressa foi publicada em 1978 e uma terceira edição em 2008. Quando Faust escreveu essa gramática já pensava em deixar um material para os jovens Kokáma que já não falavam a língua de seus pais:

Este volumen ha sido preparado con el propósito de preservar en forma escrita algunos de los rasgos esenciales de la fonética y gramática cocamas. Creemos que este trabajo será útil, para que los jóvenes cocamas puedan apreciar la gramática del idioma de sus antepasados, aunque no lo hablen, y para ayudar a todas aquellas personas que no son naturales del pueblo cocama; pero los miembros mayores de este grupo idiomático. (cf. FAUST, 1972, p.7)

As lições da gramática incluem diálogos, monólogos, relatos que trazem os problemas morfo-fonológicos, lexicais e gramaticais e suas respectivas explicações e exemplificações, seguidas de exercícios contextualizados e vocabulário. Trata-se de uma gramática pedagógica que possibilita o aprendizado da língua Kokáma como L2 de uma maneira bem elaborada.

Há também um dicionário Espanhol-Kokáma do Padre Lucas Espinosa, publicado em 1989 e intitulado *Breve Diccionario Analítico Castellano-Tupí del Peru*. Pe. Lucas Espinosa permaneceu dezoito anos na missão agustiniana do Amazonas peruano e, posteriormente, quando retornou à Espanha, preparou este dicionário. A ordem dos verbetes é a seguinte: 1) entrada do verbete em espanhol; 2) informação gramatical; 3) significado em espanhol, exemplo em espanhol (opcional); 4) correspondência do verbete no Kokáma; 5) exemplo em espanhol seguido da tradução para o Kokáma; os demais itens do verbete são compostos por informações adicionais, quando necessário, e pelas palavras acrescidas de elementos desinenciais derivacionais conforme informado pelo autor no preâmbulo desse dicionário:

Al contrario en el idioma cocama, lo correspondiente a la “radical” en el sentido dicho es una palabra íntegra, de concepto bien definido, e invariable, a la cual se van agregando los distintos elementos desinenciales derivativos. Por ejemplo: **tini**, blancura; **tini-n**, branco; **tini-ta**, blanquear; **tini-ta-wara** blanqueador, etc. Nosotros insinuamos una forma alusiva a esta clase de radicales, que es radiconcep, radiconceps: radical concepto, radicales-concepto.

Espinosa (1989, p. 9) informa no preâmbulo do dicionário que os dados que fundamentaram a sua obra foram extraídos dos questionários aplicados a um nativo Kokáma do sexo masculino, natural de Iquitos, filho de mãe Kokáma, criado entre os Kokáma e educado em escolas públicas, o Sr. Juan Freitas. Espinosa deixa claro que não trabalhou com dados de fala feminina, embora no decorrer da obra, faça referências a formas usadas por mulheres Kokáma. O autor valeu-se também do seu conhecimento da língua.

Mais recentemente, Rosa Vallejos publicou diversos trabalhos sobre o Cocama/Cocamilla do Peru, a saber: *Morfemas Funcionales en Cocama-Cocamilla* (2000); *Entre flexión y derivación: Examinando algunos morfemas en Cocama-Cocamilla* (2005); *Fonología de la variedad kukamiria del río Huallaga* (2006). Há ainda uma trabalho de conclusão de curso intitulado dissertação *El Sistema de Casos en la Lengua Cocama: Variedad Cocamilla* (2000) e uma dissertação de mestrado intitulada *Basic Clauses in Kokama-Kokamilla* (2004).

Outros trabalhos sobre o Kokáma são de autoria de Ana Suelly A. C. Cabral, individualmente, ou em co-autoria com Rodrigues ou com Viegas. Finalmente há um estudo envolvendo, entre outras línguas, o Kokáma. Trata-se da dissertação de mestrado de Marília Facó Soares, intitulada *A perda da nasalidade e outras mutações vocálicas em Kokáma, Asuriní e Guajajára* (1979).

Os trabalhos de autoria de Cabral são uma tese de doutorado intitulada *Contact-Induced Language Change in the Western Amazon: The Non-Genetic Origin of the Kokama Language* (1995), e os artigos *Evidências morfológicas para a não-classificação genética do Kokáma* (1997); *New Observations on the Constitution of Kokáma/Omágua: A Language of the Boundary Brazil, Peru, and Colombia*; *En qué sentido el Kokáma no es una lengua Tupí-Guaraní* (2000). Há ainda um artigo em co-autoria com Aryon D. Rodrigues, *Evidências de crioulização abrupta em Kokáma?* (2003), e um artigo em co-autoria com Chandra Viegas, *Reduções lexicais e gramaticais na fala dos últimos falantes nativos do Kokáma no Brasil* (2010).

0.5 Organização da presente dissertação

Esta dissertação é constituída de uma introdução em que apresentamos o tema estudado, os seus objetivos e a justificativa do estudo, a fundamentação teórica e metodológica. Nela listamos os estudos linguísticos realizados sobre o Kokáma e apresentamos a estrutura interna da dissertação. O capítulo I apresenta algumas considerações sobre o povo e a língua Kokáma. O Capítulo II apresenta uma breve discussão sobre obsolescência linguística e morte de línguas. No Capítulo III apresentamos algumas considerações sobre as mudanças fonológicas ocorridas na língua Kokáma falada pelos

últimos falantes nativos do Brasil. No Capítulo IV apresentamos uma análise contrastiva de aspectos da morfossintaxe do Kokáma falado no Brasil e da morfossintaxe do Kokáma falado no Peru, com vistas à identificação do que pode ser associado à obsolescência, mas também visando identificar quais as reais perdas ocorridas na fala dos falantes terminais do Kokáma do Brasil. No Capítulo V apresentamos algumas considerações sobre mudanças lexicais ocorridas no Kokáma do Brasil. Finalmente, apresentamos a conclusão a que chegamos com o estudo, seguida das referências bibliográficas.

0.6 Considerações gerais

Com esta dissertação esperamos contribuir, por um lado, para o aprofundamento e ampliação dos estudos linguísticos sobre o Kokáma e sobre a sua história, assim como para as mudanças linguísticas ocorridas em línguas em fase terminal. Por outro lado, pretendemos avançar na discussão sobre políticas linguísticas voltadas para o fortalecimento do uso de línguas nativas brasileiras e para o fortalecimento da identidade de grupos indígenas que desejam reavivar o uso da língua falada por seus ancestrais, quando este reavivamento é factível. Com esta dissertação queremos também mostrar que é possível reavivar a língua Kokáma no Brasil.

CAPÍTULO I

Algumas considerações sobre o povo e a língua

1 Introdução

Neste capítulo teceremos algumas considerações sobre o povo Kokáma, focalizando algumas informações históricas, sua localização geográfica atual, além de informações sobre a língua Kokáma (Cocama, Cocamilla, Kokama, Kukuma) variedades e origem, bem como seu estado atual de vitalidade.

1.1 Localização geográfica e aspectos sociais e culturais do povo Kokáma

As primeiras referências a um povo Kokáma datam do século XVI e o localizam na região do baixo rio Ucayali, alto Amazonas, Peru. Se esses Kokáma referidos pelos primeiros cronistas da região são realmente os antecedentes dos Kokáma atual, o contato desses índios com não índios é tão ou mais antigo do que o início da colonização da região pelos europeus.

Cabral (1995, p. 239), com base em Porro (1992), reúne informações etnográficas sobre os Kokáma seiscentistas que os caracterizam como povos das beiradas e das ilhas. As poucas informações disponíveis sobre a organização social sugerem que para cada grupo de aldeias havia uma entidade política local e cada aldeia tinha uma autoridade como chefe e continha cerca de 30 a 60 casas. Os Kokáma cultivavam basicamente milho, mandioca (amarga e doce), algodão e tabaco.

Os Kokáma foram desde o século XVI relacionados aos Omágwa que também ocupavam as beiradas e as ilhas, mas do rio Marañon (Peru) e do Alto Solimões. A principal base de comparação eram as belas roupas brancas com desenhos coloridos em formas geométricas, descritas como sendo sofisticadamente pintadas à mão.

Mas foi o padre jesuíta Samuel Fritz que, antes conhecendo o povo Kokáma e tendo observado características da língua deste, viveu um ano no colégio de Santo Alexandre em

Belém do Pará, e depois conviveu com os Omágwa no Alto Solimões durante mais de três meses. Fritz relacionou o povo e a língua Omágwa respectivamente ao povo e à língua Kokáma, assim como as duas línguas à língua Geral Amazônica (cf. CABRAL, 1995). É importante considerar as observações feitas por Cabral (1995) de que Kokáma, Cocamilla e Omágwa são variantes da mesma língua, sendo o Omágwa o mais divergente dos três. Os catecismos Omágwa do século XVII e os primeiros documentos sobre esta língua corroboram essa ideia (cf. CABRAL, 2000).

Para Vallejos (2006, p. 2), diferentemente do que postula Cabral, são reconhecidas duas variedades do Kokáma, o Cocamilla e o Cocama:

Basados principalmente en criterios históricos y geográficos, se reconocen dos variedades para esta lengua: el Cocamilla, hablada en comunidades distribuidas en la parte alta del río Huallaga, y el Cocama, hablada en las partes bajas de los ríos Marañón, Samiria, Ucayali y Amazonas. Los resultados de mi investigación en proceso revelan sólo ciertas diferencias fonológicas y léxicas entre estas dos variedades, lo cual no entorpece la comunicación en ningún nivel.

Entretanto, os dados linguísticos sobre essas três variedades mostram claramente que Omágwa, o Kokáma e o Cocamilla são variedades da mesma língua (cf. CABRAL e VIEGAS, 2009 ms).

Os Kokáma vivem no Peru e no Brasil, mas há também uma população Kokáma na Colômbia. No Brasil os Kokáma habitam aldeias em vários pontos do Alto Solimões e algumas cidades, dentre as quais, Tabatinga, Benjamin Constant e Tefé. Há ainda uma população Kokáma que cresce a cada dia na periferia de Manaus. Os mapas seguintes mostram algumas das áreas em que vivem populações Kokáma, no Brasil e no Peru. O primeiro mapa mostra a área do Peru e o segundo a área do Brasil, conforme Mellatti (cap. 15). O terceiro mapa apresenta as Terras Indígenas (TIs) dos Kokáma no Brasil, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2005) e da Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

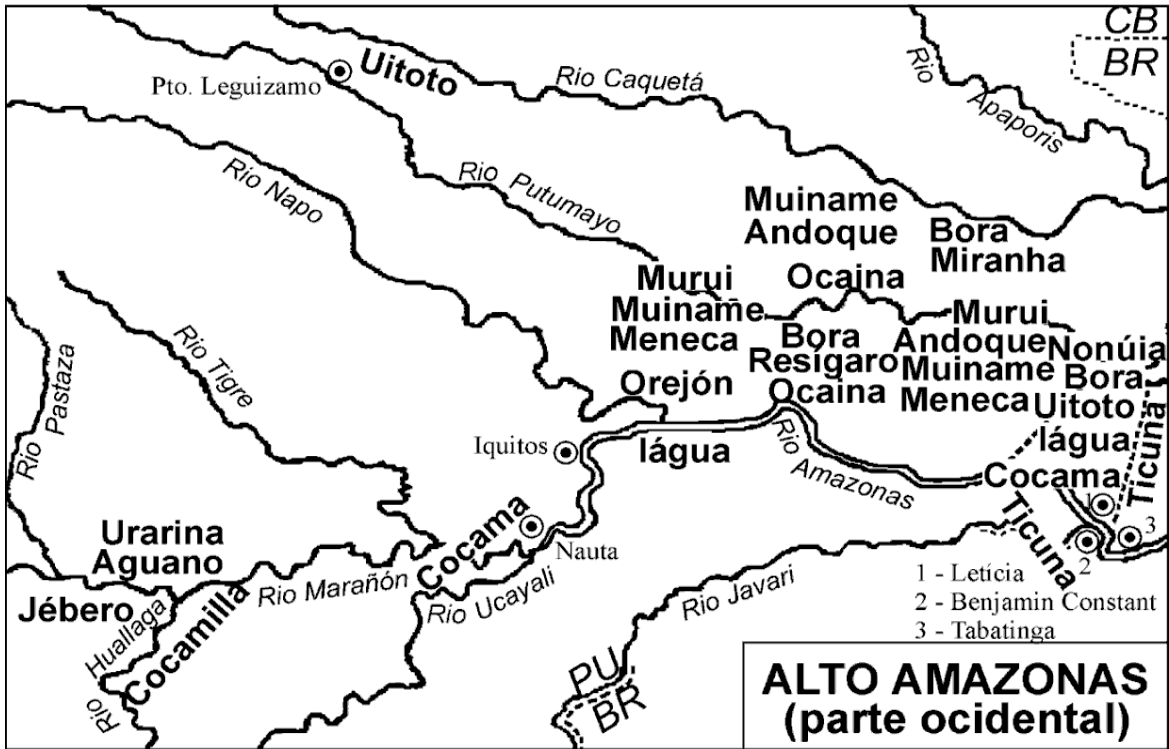


Ilustração 4- Mapa do Alto Amazonas (parte ocidental)

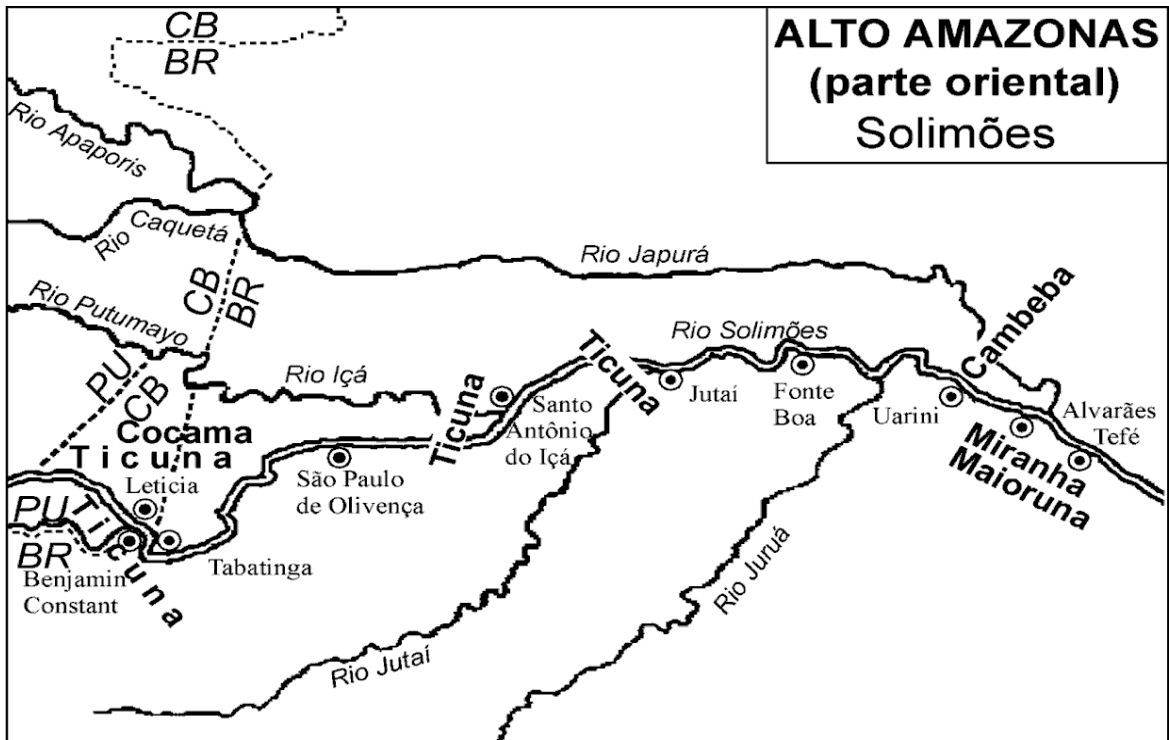


Ilustração 2- Mapa do Alto Amazonas (parte oriental)

Fonte: MELLATTI, Julio Cezar. Índios da America do sul - Alto Amazonas.

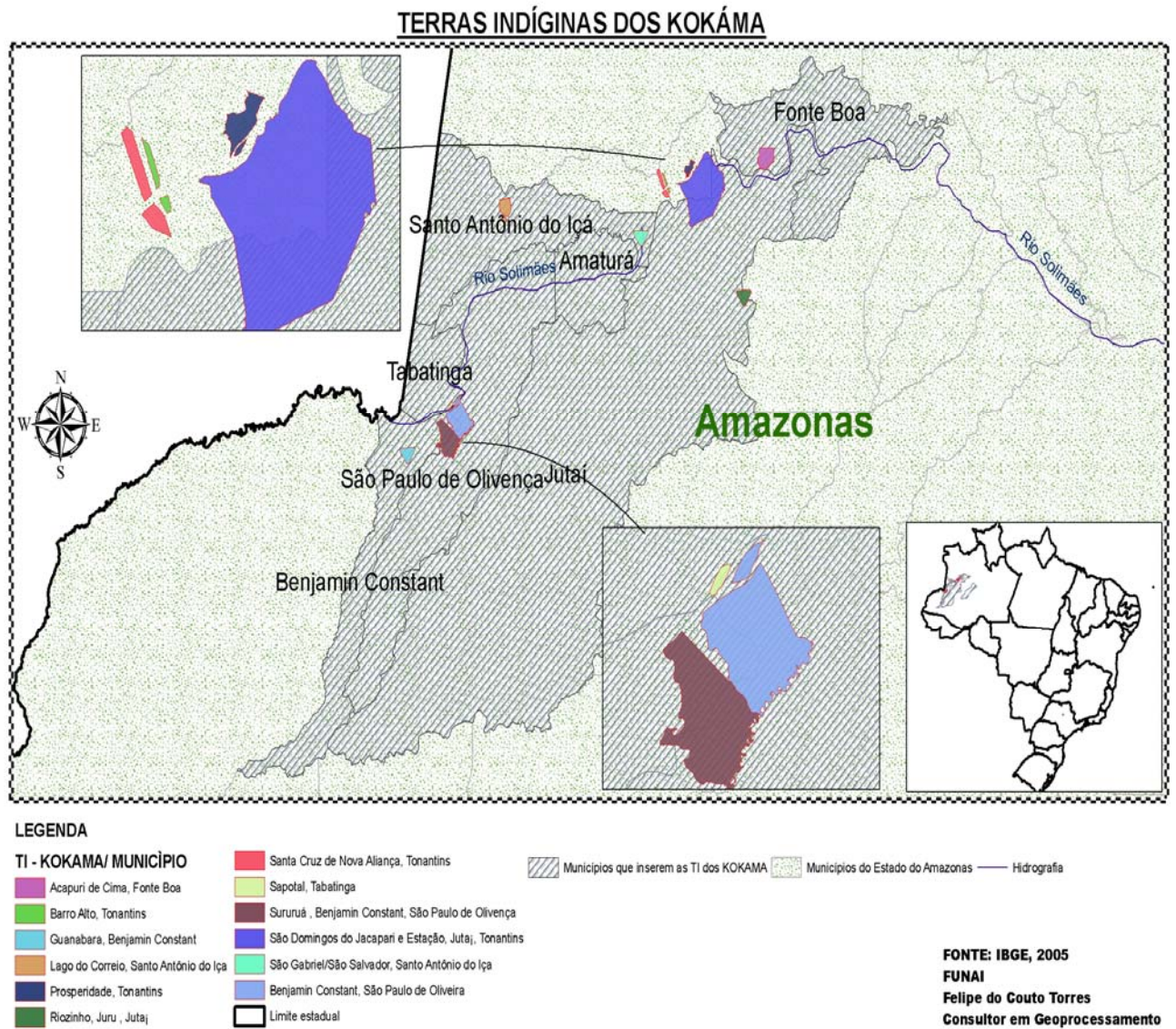


Ilustração 3- Mapa das Terras Indígenas dos Kokáma no Brasil

1.2 Sobre a origem da língua Kokáma

A língua Kokáma foi classificada inicialmente como uma língua da família Tupí-Guaraní (ADAM, 1896; LOUKOTKA, 1968 [1935]; RODRIGUES, 1958, 1964; LEMLE, 1971, *apud*, CABRAL, 2000, p. 237). Entretanto, Rodrigues (1985) levantou a hipótese de que o Kokáma era provavelmente o resultado de contato linguístico entre um povo falante de uma língua Tupí-Guaraní muito próxima do Tupinambá, uma vez que seu léxico e gramática não pareciam vir da mesma língua fonte. Cabral (1995) fundamenta a hipótese de Rodrigues com dados reveladores de que apenas parte do vocabulário básico do Kokáma seria originário do Tupinambá, mas não sua gramática. Cabral mostra que mesmo as correspondências fonológicas identificadas na comparação do léxico Kokáma de origem Tupí-Guaraní e o léxico do Tupinambá correspondente não são regulares. Fundamentada no princípio básico do Método Histórico Comparativo de que o que é transmitido é uma língua inteira e não partes desta, e dadas as faltas de correspondências entre Kokáma e Tupinambá em vários subsistemas, mas também considerando alguns elementos lexicais e gramaticais de outras línguas da região em que o Kokáma e Omágwa foram faladas nos primeiros séculos de colonização, conclui que o Kokáma não pode ser classificado geneticamente.

Cabral (1995) aventou a possibilidade de o Kokáma ter se desenvolvido como uma nova língua nas vilas criadas pelos jesuítas na Província de Maynas, onde falantes de diferentes línguas indígenas precisavam de uma forma comum de comunicação e a língua Tupinambá não teria sido aprendida perfeitamente pelos demais presentes no contexto social daquela província. Os falantes originais do Tupinambá adotaram a nova versão de sua língua, que passou a ser chamada língua Kokáma ou Omágwa.

Cabral (1995) também considera outra possibilidade, a de que a língua Kokáma teria se desenvolvido em época pré-histórica, em outro contexto social, mas este caracterizado por reunir falantes de línguas de origens genéticas distintas e tipologicamente diferentes. Nesse contexto não teria havido tempo hábil para que uns aprendessem a língua dos demais, de forma que uma nova língua teria sido criada, o Kokáma.

Cabral (1995, p. 238) levanta a possibilidade de que os ancestrais dos Kokáma/Omáwa do século XVII teriam sofrido influências de outras culturas indígenas da região antes de seu primeiro contato com os europeus. Provavelmente parte dos antecedentes desse povo chegou ao Alto Solimões por volta de 1450 e 1460, o que corresponde a cerca de um século e meio antes da penetração mais profunda da colonização européia no alto Amazonas. Esta hipótese

baseia-se nas estruturas do Tupinambá refletidas nas formas fonológicas das palavras do Kokáma/Omágua (Cabral, comunicação pessoal). Para Cabral, a estrutura das palavras de uma língua muito próxima do Tupinambá teria se congelado nas formas adotadas pelo Kokáma/Omágua, revelando vestígios tão próximos do Tupinambá falado na costa brasileira do século XVI que a época em que essas palavras Tupí-Guaraní passaram a constituir a língua Kokáma não poderia ter ocorrido em um passado mais antigo do que 150 anos antes do início da colonização do Marañon e do Alto Solimões pelos europeus.

O resultado do estudo da língua Kokáma/Omágua de autoria de Cabral (2005) é um diagnóstico de que a língua Kokáma/Omágua resultou de uma situação de contato linguístico em que os presentes, falantes de línguas geneticamente distintas, não tiveram tempo de aprender perfeitamente uns as línguas dos outros, de forma que uma nova língua surgiu desse contato. Cabral, de mãos dos resultados de sua comparação do Kokáma/Omágua com o Tupinambá, mas considerando outras línguas nativas da região, associa a língua Kokáma/Omágua ao tipo de língua rotulado por Thomason e Kaufman (1988) de “crioulo abrupto”. Trata-se de um tipo de língua desenvolvido em situações de contato em que os envolvidos falavam línguas tipológica e geneticamente distintas, mas não tiveram tempo hábil para aprenderem uns as línguas nativas dos outros, de forma que uma nova língua se cria desse contato, nativizando-se em seguida.

Cabral (1995) avança a possibilidade de que o Kokáma é uma língua de contato possivelmente desenvolvida em contexto social análogo aos que deram origem a crioulos abruptos, e que são tipos de crioulos que se desenvolveram sem uma fase de pidgin, conforme Thomason e Kaufman (1988).

Algumas das conclusões a que chegou Cabral (1995:50) sobre o Kokáma/Omágua foram as seguintes:

- a) a língua kokáma não se desenvolveu a partir de um processo normal de transmissão de uma língua Tupí-guaraní;
- b) Kokáma é um resultado extremo de línguas em contato em que entraram em ação, entre outros, aprendizagem imperfeita das línguas participantes do contato;
- c) a língua Kokáma é geneticamente inclassificável.

A presença de certos traços não-Tupí em Kokáma são, de acordo com Cabral (1995, p. 223), itens lexicais, categorias funcionais, ordem de palavra e regras sintáticas, o que sugere que os falantes do Kokáma tenham sido, de algum modo, influenciados por falantes de línguas de diferentes origens genéticas, tais como Espanhol, Português, Quechua, Língua Média, Língua Geral, línguas Pano, línguas Aruak, além de línguas indígenas não identificadas até o presente. Os traços estruturais não-Tupí-Guaraní do Kokáma/Omágwa são, de acordo com Cabral (1995):

Kokáma/Omágwa	Tupí-Guaraní
SVO/OSV	As línguas Tupí-Guaraní mais conservadoras como o Tupinambá apresentam rica variação na ordem dos argumentos de um predicado transitivo, mas a ordem mais frequente ou ordem básica é SOV.
(Dem) (Num) (Adj) N(Adj)	Padrão não atestado em línguas Tupí-Guaraní.
Adj = nome + relativizador	Nome + nome ou verbo
NP (+Pluralizador)	Nome + coletivo
Distinção de sexo biológico em suas formas pronominais.	Não há distinção.
Completa lacuna de morfologia flexional ²	Presença de morfologia flexional

² Segundo Cabral (1995, p. 134) o Kokáma carece totalmente de flexão, sendo que algumas categorias gramaticais que pertencem à flexão verbal em Tupinambá são expressas em Kokáma por significados de processos sintáticos.

1.3 A língua Kokáma no Brasil: estado atual

A língua Kokáma é falada atualmente como primeira língua apenas no Peru, sendo lembrada por algumas pessoas no Brasil (Alto e Médio Solimões) e na Colômbia. A estimativa mais recente da população Kokama é a seguinte: “19 mil no Peru (em 2003), 792 na Colômbia (em 2004) e 786 no Brasil (em 2005)”³. Entretanto o CGTT (Conselho Geral da Tribo Ticuna), conveniado com a Funasa (Fundação Nacional de Saúde) no tratamento da saúde indígena na região do Alto Solimões, diz que os Kokáma somam, no Brasil, 9.000 índios (dados de 2003)⁴.

Conforme Vallejos (2006, p. 2) a língua Cocama-Cocamilla no Peru encontra-se na seguinte situação:

...esta lengua se encuentra en peligro de extinción porque sólo es usada en situaciones comunicativas muy restringidas por un aproximado de 1.500 hablantes, los cuales en su mayoría pertenecen a la generación de ancianos. Además, procesos naturales de transmisión de la lengua de generación en generación han sido interrumpidos.

Dos descendentes Kokáma que vieram para o Brasil a partir do final do século XIX, há apenas dois que falam a língua. Os demais são lembradores. Há, no entanto, algumas famílias de Kokáma recém migradas do Peru para o Brasil que falam a língua Kokáma. No Brasil há duas ações isoladas de revitalização da língua Kokáma, mas na verdade são de iniciativas para o ensino da língua Kokáma como segunda língua⁵. É importante ressaltar que para os Kokáma atuais o fato de a língua dos seus pais ser ensinada como segunda língua é irrelevante. Para esses Kokáma, aprendê-la como segunda língua equivale a aprendê-la como primeira língua.

³Enciclopédia Povos Indígenas no Brasil - Fevereiro de 2006 <http://www.isa.org.br/pib/epi/kokama/kokama.shtm>

⁴ Enciclopédia Povos Indígenas no Brasil - Fevereiro de 2006 <http://www.isa.org.br/pib/epi/kokama/loc.shtm>

⁵ *Curso de licenciatura para professores indígenas do Alto Solimões-OGPTB/UEA.*

1.4 O contexto social em que a língua Kokáma tornou-se obsolescente

Os Kokáma localizados em vários pontos do Solimões e também na periferia de Manaus são oriundos da região de Loreto, no Peru. São esses Kokáma descendentes de famílias que deixaram o Marañon e se estabeleceram no Solimões entre o final do século XIX e o início do século XX (CABRAL, 1995). Os Kokáma fundadores de Sapotal, por exemplo, pertencem a algumas dessas famílias que vieram do Peru para trabalhar nos seringais que correspondem, hoje, às aldeias Tikúna de Ourique e de Feijoal. A história dessas famílias foi registrada por Cabral entre 1988 e 1996, junto aos descendentes de Kokáma monolíngues que encabeçaram movimentos migratórios para essa região. Um dos patriarcas Kokáma que vieram para o Brasil, Seu Benjamin Samias, falecido em 1991 com aproximadamente 90 anos de idade, foi um dos Kokáma cujos filhos falaram a língua Kokáma como primeira língua até a idade aproximada de 12 anos. Este Senhor teve filhos com duas mulheres, mas só os filhos de sua primeira esposa, que era natural do Peru e aqui chegara com ele, falavam a língua Kokáma. Um de seus filhos foi o fundador da comunidade de Sapotal, Seu Antônio Samias, o Kokáma que mais se preocupava com a morte de sua língua, já em processo no final do século passado.

Ainda na década de 80, havia pelo menos 20 Kokáma que ainda tinham razoável grau de proficiência na língua Kokáma, mas vários deles já não queriam mais falá-la por esta ser considerada língua do diabo pelos pastores das igrejas que frequentavam em Tabatinga. Atualmente são encontrados no Brasil descendentes de aproximadamente 20 famílias Kokáma, dentre as quais, as famílias Aiambo, Pacaio, Samias, Tibão, Tananta, Kuriki, Panduro, Maniama, Sandoval, Ramires, Peres, Arcanjo, Lopes, as quais, possivelmente, chegaram ao Brasil na mesma época para trabalhar nos seringais do Solimões.

Nos seringais onde foram morar, as famílias Kokáma ainda falaram por um bom tempo a língua nativa em casa, mas nas demais situações eram obrigadas a falar português, já que não falavam Tikúna, Péba, Kanamarí e Majurúna, que eram as outras línguas encontradas nos seringais da região. Dos vários casamentos realizados nos anos 40 entre os Kokáma, ou o marido ou a esposa era passivo no conhecimento da língua Kokáma, de forma que seus filhos aprenderam apenas palavras soltas relativas a nomes de peixes e de plantas, cujo conhecimento se propagou provavelmente pela semelhança entre o Kokáma e o Nheengatú falado até pouco depois da primeira metade do século XX na região. Seu Antônio Samias lembrava muito bem da época em que deixou de falar a língua nativa. Havia inclusive

pressões por parte dos não indígenas com quem se relacionava para que deixasse de falar a língua nativa, que era o Kokáma.

A língua Kokáma se manteve na lembrança de alguns descendentes Kokáma, como foi o caso dos filhos de Seu Benjamin. Note-se que este Senhor nunca aprendeu a falar Português, mesmo depois de viver por mais de cinquenta anos no Brasil, e seu espanhol era bastante rudimentar. Falava um pouco de Quéchuá, mas era fluente mesmo na sua língua Kokáma. Os seus filhos contam que dos 12 anos em diante só falavam Kokáma em família e que foram paulatinamente substituindo a língua nativa pelo Português regional dos ribeirinhos do Solimões (Cabral, comunicação pessoal).

1.5 Conclusão

Neste capítulo apresentamos breves informações sobre a localização geográfica do povo Kokáma e fizemos algumas considerações sobre a hipótese de uma origem não genética da língua Kokáma. Fizemos também observações sobre o estado da arte da língua Kokáma no Brasil e sobre o contexto social em que a língua Kokáma se tornou obsolescente, de forma a situar as discussões desenvolvidas nos capítulos seguintes que porão em evidência as mudanças sofridas pela língua Kokáma nas últimas décadas e correspondem a sinais de obsolescência.

CAPÍTULO II

Considerações sobre obsolescência e morte de línguas

2 Introdução

No presente capítulo apresentamos algumas considerações sobre obsolescência e morte de línguas e suas consequências na fonologia, no léxico e na morfossintaxe das línguas afetadas por situações de atrito linguístico, de acordo com estudos de alguns autores especialistas no assunto. Essas considerações são tomadas como referência ao longo da nossa análise sobre as mudanças observadas na língua Kokáma do Brasil, nos contextos sociais que a têm levado à extinção.

2.1 Mudanças estruturais e fatores condicionantes

Dorian (1973, p. 413) mostra os tipos de mudanças que ocorreram no dialeto moribundo Sutherland do Leste do Gaélico Escocês e ressalta a importância de dados de falantes terminais para a descrição linguística e reconstrução histórica:

The dying East Sutherland dialect of Scottish Gaelic shows grammatical change currently in progress in two syntactic environments, the passive and the case system. The rate of change has been rapid enough to show clear differences between the usage of the oldest and the youngest fluent speakers available, a span of just over 40 years. This permits the consideration of question about the direction of change, the processes of change, and the rate of change, and of the utility of terminal speakers for systematic language description and historical reconstruction.⁶

⁶ Tradução: “A morte do dialeto East Sutherland da Scottish Gaelic mostra mudança gramatical em curso em dois ambientes sintáticos, o passivo e o sistema de caso. O grau de mudança tem sido rápido o suficiente para mostrar diferenças claras entre o uso dos falantes mais antigos e dos falantes mais jovens fluentes disponíveis, numa extensão de pouco mais de 40 anos. Isto permite a consideração da questão sobre o sentido da mudança, os processos de mudança, o grau de mudança e da utilidade dos falantes terminais para a descrição linguística sistemática e para a reconstrução histórica.”

Taylor (1989, p. 173) estuda as perdas estruturais em línguas obsoletas e afirma que seu principal interesse na obsolescência da língua Gros Ventre tem sido descobrir quais estruturas da língua têm sido afetadas, e a natureza e direção das mudanças observáveis. Taylor salienta que muitos dos exemplos de mudanças que ele acredita serem devidos à obsolescência na fala de semi-falantes com os quais tem trabalhado são perdas e/ou substituições de estruturas, frequentemente através da operação de analogia, embora considere que vários exemplos de mudanças fonológicas e sintáticas parecem ser resultados de obsolescência.

Para Taylor todos os erros na morfologia que ele tem encontrado dizem respeito a flexão e a derivação incorreta de temas. Analogia, nivelamento particularmente paradigmático, seriam os mecanismos por meio dos quais as mudanças se processaram, embora a gramática e a semântica do Inglês, a língua majoritária em relação à língua Gros Ventre, também pareçam estar implicadas em alguns dos erros derivacionais. Taylor conclui que os exemplos, provavelmente, são o produto da dinâmica da morte da língua (p. 177).

A respeito de *codeswitching*, Taylor comenta que apenas uma vez em sua experiência com um falante do Gros Ventre contemporâneo pôde reconhecer uma ocorrência de *codeswitching*: um informante do sexo masculino começou a usar a pronúncia do sexo feminino no início da primeira etapa da pesquisa. O informante considerava, de acordo com a sua cultura, que a fala feminina era mais fácil de ser compreendida e era a indicada para crianças e estrangeiros (p.173).

Um semi-falante do Gros-Ventre, um dos informantes de Taylor, criava um tema nominal dependente para ‘face’, -eeeθe?- (comparar com néeeθ?e ‘my face’), uma forma rejeitada pela maioria dos falantes competentes. A base para essa criação é desconhecida. A razão para a criação é, segundo Taylor, provavelmente a estrutura do Inglês: o Inglês tem dois morfemas, *face* e *eye*, os quais correspondem a um morfema livre em Gros Ventre com ambos os significados (p.176).

Hill (1989, p. 149) trata das reduções no tocante a orações relativas na fala de falantes de línguas em estágios finais. Essas são reduções que, conforme a autora, têm sido identificadas em várias línguas do mundo (HILL, 1973, 1978; DURBIN, 1973; DORIAN, 1981; entre outros), da mesma forma que reduções de orações relativas e de outras estruturas complexas são identificadas em línguas como pidgins e crioulos. Hill (1989, p.153) cita as evidências reunidas em Voegelin and Voegelin (1977) de que a perda de relativização em Tubatulabal, uma língua Uto-Azteca da Califórnia, foi resultado de aquisição imperfeita pela

última geração de falantes. Hill observa que o uso feito por parte dos últimos falantes de Cupeño, geneticamente distante do Tubatulabal, parece um excelente candidato a uma explicação como a dada por Voegelin and Voegelin, mas o mesmo não pode ser dito sobre o Mexicano, outra língua Uto-Asteca. Para Hill (p. 162-163), um exame das frequências de estruturas relativas em duas línguas Uto-Astecas, o Copeño e Mexicano, não apoiou a hipótese de que reduzidas frequências de relativização em línguas de substrato em processo de mudança linguística são sempre relacionadas à aquisição imperfeita ou às falhas dos falantes ao avaliar a narrativa em uma língua estigmatizada, embora esse último fator pareça estar contribuindo para a redução da frequência de relativização no discurso Mexicano. Hill aponta que um fato importante sobre o Mexicano é que este é parte de um sistema sincrético que se desenvolveu ao longo de vários séculos. A convergência entre o Mexicano e o Espanhol no sistema permite aos falantes retornar e avançar entre as duas línguas com pouca dificuldade e usar do mecanismo de calque para construir construções relativas em Mexicano, mesmo sendo falante fraco dessa língua.

Hill (1989), Campbell e Muntzel (1989) e Thomason (2001) mostram que, em situações de atrito de línguas, verificam-se perdas de vocabulário, de estruturas fonológicas e gramaticais, reduções estilísticas e reduções no alcance de contextos funcionais. Para Thomason⁷, em situações de atrito uma língua retrocede à medida que perde falantes, domínios e por último, estrutura. A autora⁸ põe em evidência alguns resultados de atrito:

a) redução de alternâncias governadas por regras por meio da generalização analógica de uma das variantes; (b) fusão ou eliminação de categorias morfossintáticas; (c) tendência a substituir construções morfologicamente complexas por construções analíticas; (d) perda de construções sintáticas complexas; e (e) empréstimo, tanto de estrutura quanto de léxico.

Thomason observa ainda que muitos processos comuns em situações de línguas moribundas são também comuns em situações de contato nas quais não há línguas moribundas. Um dos exemplos dados por Thomason é a perda lexical em certos domínios que, como enfatiza essa autora, ocorrem em todas as línguas do mundo através dos tempos, embora a perda drástica de elementos lexicais seja conhecida apenas em casos de morte de línguas. Finalmente, empréstimo, incluindo empréstimo pesado, é também comum em várias

⁷ THOMASON, 2001, p.228.

⁸ Ibid., p. 228-229.

situações de contato. Mas, segundo Thomason⁹, atrito seria o único tipo de mecanismo exclusivo de situações de morte de língua.

Campbell e Muntzel (1989, p. 181) preocupam-se também com as mudanças estruturais nas línguas obsoletas atribuídas ao processo de morte de línguas. Esses autores propõem hipóteses sobre os desenvolvimentos estruturais característicos de línguas nessa situação. As línguas que foram base do seu estudo são apresentadas com a identificação de suas respectivas localizações geográficas, afiliação genética e número de falantes. Estes são classificados de acordo com um contínuo de proficiência do uso da língua, a saber: *S* para *strong* (forte/pleno) ou (quase totalmente competente); *I* para *imperfect* (imperfeito), i.e. para razoavelmente fluente *semi-speakers* (semi-falantes); *W* *weak semi-speakers* (semi-falante fraco) com competência de fala mais restrita; e *R* para *rememberers* (lembradores), os quais conhecem somente algumas palavras ou frases isoladas. Os autores classificam ainda as comunidades de fala com o *continuum* de proficiência plena de *S* até *W* e/ou *R* que são representadas como *PC* (*continuum of proficiency*).

Campbell e Muntzel (1989, p. 182) classificaram os tipos de situações de morte de língua e suas características linguísticas como a seguir:

Morte súbita/abrupta: o caso em que uma língua desaparece abruptamente porque quase todos os seus falantes morrem de repente ou são exterminados, sem passar pelo estado de obsolescência, quando poderia ser investigada estruturalmente.

Morte radical: a morte de língua radical é semelhante à morte súbita/abrupta no sentido da perda da língua ser rápida e, geralmente devido à severa repressão política, seguida de genocídio, na medida em que os falantes param de falar a sua língua em legítima defesa como estratégia de sobrevivência (p. 183).

Morte gradual: os processos de morte gradual de línguas, normalmente estão relacionados a situações de contato de línguas. Nestas situações há um estágio intermediário de bilinguismo, no qual a língua dominante vem a ser empregada por um número cada vez maior de indivíduos em um crescente número de contextos em que a língua minoritária era anteriormente utilizada. Tais situações são caracterizadas por um contínuo de proficiência determinado pela idade, no qual as gerações mais novas têm uma proficiência maior na língua

⁹ Ibid., p. 230.

dominante e aprendem a língua obsolescente de forma imperfeita. Campbell e Muntzel citam alguns termos relacionados ao tema *morte gradual* usados por autores de diferentes orientações teóricas: *aprendizado imperfeito*, *aprendizado parcial*, *código restrito*, *semi-falante*, *último falante*, *falante pré-terminal* ou *terminal*, *bilingues passivos*, *língua híbrida*, *bilinguismo intermediário*, *interlíngua* e *crioulização em reverso* (p. 185).

Morte de baixo para cima: Nos casos de morte de uma língua de baixo para cima, o repertório de registros estilísticos sofre um atrito, chamado de padrão do tipo ‘*latinate*’, isto é, “a língua é perdida primeiro em contextos de intimidade familiar e mantida apenas em contextos de rituais” de alta importância.

2.2 Mudanças estruturais na língua Tembé

Um dos trabalhos mais interessantes no Brasil sobre mudanças linguísticas em fase de obsolescência é de autoria de Márcia Carvalho e trata da língua Tembé, uma das variantes da língua Tenetehára.

Carvalho apresenta uma discussão preliminar sobre o estado atual da vitalidade da língua Tembé, que tem sido ameaçada de forma mais aguda desde o início do século passado, com a intensificação do contato de seus falantes com a sociedade regional, o que tem levado muitos índios Tembé a deixar de lado a língua nativa para adotar o Português como língua única ou principal. Carvalho (2001, p. 15) classifica os falantes Tembé em quatro categorias, de acordo com a proficiência na língua nativa, com base em Campbell e Muntzel (1989).

O primeiro grupo (grupo 1) é o que possui um conhecimento mais conservador do Tembé e é também o que usa a língua nativa em situações mais diversas, sendo constituído de adultos acima de 50 anos. O segundo grupo (grupo 2) é também constituído de adultos com alto grau de proficiência na língua nativa, embora não dominem, como os indivíduos do grupo 1, parte do léxico original referente a determinados domínios (sistema de parentesco, partes do corpo humano, nomes de plantas e animais e objetos culturais tradicionais). Os indivíduos desse grupo têm idade entre 30 e 49 anos e fazem uso mais intenso de empréstimos do Português. O terceiro grupo (grupo 3) é constituído de indivíduos de diferentes faixas etárias, mas não acima de 35 anos, que falam uma versão menos conservadora do Tembé e fazem mais uso do Português do que da língua nativa. O quarto grupo (grupo 4) é constituído de indivíduos de diferentes faixas etárias que aprenderam o Tembé como segunda língua, ou que não tiveram a oportunidade de aprendê-lo perfeitamente. Vários dos Tembé desse grupo aprenderam o Tembé já no final da adolescência. O quinto grupo (grupo 5) é constituído de indivíduos que entendem o Tembé, mas não o falam, apenas produzem frases e conhecem material lexical. Finalmente, o sexto

grupo (grupo 6) é constituído de indivíduos que conhecem apenas palavras do Tembé. Os grupos 4, 5 e 6 são constituídos de indivíduos de diferentes faixas etárias.

Essa primeira divisão feita em função do grau de proficiência da língua Tembé será aperfeiçoada no futuro, quando tivermos a oportunidade de realizar uma pesquisa de campo que permita a obtenção de mais dados da realidade sociolinguística dos habitantes do Tekoháw e de outras aldeias em que o Tembé ainda é falado.

A grande maioria dos adultos Tembé não é alfabetizada nem em Português, nem na língua nativa. Embora a língua Tembé seja ensinada em algumas escolas, esse ensino não parece estar contribuindo de forma efetiva para o fortalecimento do uso da língua nativa. O Tembé já deixou de ser falado na reserva do Guamá e em algumas aldeias do Gurupí, acentuando-se cada vez mais as probabilidades de redução do seu uso.

Um dos tópicos investigados por Carvalho (2001, p. 38) foi o uso de flexão casual pelos cinco grupos. Segundo essa autora, os nomes plenos do Tembé compartilham com os demonstrativos o caso locativo *-pe* ~ *-me* e com os pronomes independentes, o caso *argumentativo* *-a* ~ \emptyset . O primeiro é um caso locativo geral, o único sobrevivente dos três outros casos propriamente locativos que são reconstruíveis para o proto-Tupí-Guaraní: o locativo pontual **-pe* ~ **-ipe* ~ **-me* ~ **-ime*, o locativo difuso **-βo* ~ **-iβo* e o locativo situacional **-i* ~ **-j*. Carvalho mostra, entre outros, que os alomorfes do caso locativo em Tembé têm distribuição idiossincrática. Embora temas terminados por consoante nasal recebam o alomorfe *-me* e os temas terminados por consoante oral recebam o alomorfe *-pe*, ambos os alomorfes ocorrem em temas terminados por segmentos vocálicos, que no Tembé são todos orais. Segundo Carvalho, os casos em que temas terminados por segmentos vocálicos são flexionados pelo alomorfe **-me** são aqueles em que o segmento vocálico era em estágio anterior da história da língua associado à nasalidade. Contudo, mesmo depois da perda de nasalidade vocálica, continuaram a ocorrer os antigos alomorfes que ocorriam seguindo segmentos nasais¹⁰.

Os exemplos apresentados por Carvalho (2001, p.39) para ilustrar essa alomorfia são:

- 1) *ažé-ə wə u-kér pé ze-mo-katú-há-pe wə*
 esse-Arg Pl 3-dormir lá Refl-Caus-ter.bondade-Nom-**Loc** Pl
 ‘eles dormiram lá no hospital’ (E.)

¹⁰ Isso é o que ocorre na fala de indivíduos dos grupos 1 e 2.

- 2) *ʔɛ-ə u-pupúr zapépo-pe*
 água-Arg 3-ferver panela-**Loc**

'a água está fervendo na panela' (E.)

- 3) *aʔé-ə u-ʔár kwéj tuzúk-pe*
 esse-Arg 3-cair Perf lama-**Loc**

'ela caiu na lama' (P.)

- 4) *pirá-∅ wə w-ikó wə ʔ-pe*
 peixe-Arg Pl 3-estar.em.mov Pl água-**Loc**

'os peixes vivem na água' (P.)

- 5) *uru-hém oro-hó uré r-ekó-háw-pe*
 13-sair 13-ir 13 R¹-estar.em.mov-Nom-**Loc**

'nós chegamos ao nosso lugar' (E.)

- 6) *re-zíwír re-hó Ipó p#háwteahí Hé r-əp#j-me*
 2-voltar 2-ir Infer muito.cedo 1 R¹-casa-**Loc**

'você vai voltar cedo para minha casa' (P.)

- 7) *h-etá* *t-atá-∅* *Sé* *t-əpɨ-meʃ*
 R²-ter.muitos R⁴-fogo-Arg aqui R⁴-casa-**Loc**
 ‘tem fogo nesta casa’ (E.)

Carvalho (2001, p. 40) observa que os falantes dos grupos 3 e 4, mais particularmente do grupo 4, usam com muita frequência o alomorfe **-pe** em flutuação com o alomorfe **-me**¹¹:

- 8) *He* *r-əpɨ-pe* ~ *r-əpɨ-me*
 1 R¹-casa-**Loc** R¹-casa-**Loc**
 ‘em minha casa’ ‘em minha casa’ (M.)

- 9) *a-há* *Santarẽj-pe*
 1-ir Santarém-**Loc**
 ‘eu vou para Santarém’ (M.)

Essa alternância não motivada é típica das situações de línguas obsoletas. Carvalho também trata de mudanças lexicais, em estágios de obsolescência. Carvalho lista vários empréstimos do Português presentes em textos de fala natural Tembé, como por exemplo: (a) nomes de profissão como **enfermeiro** e **doutor**, de objetos como **passagem** e **chapa**, de dias da semana, como **segunda-feira**, de numerais cardinais como os encontrados em nomes de horas, **sete horas**, **sete e meia**, **oito horas** e **nove horas**, de ordinais, como no nome da semana **segunda-feira**, e os nomes próprios **Joelma**, **Babá** e **Vilma**; (b) um pronome pessoal **eu**; (c) os advérbios de tempo **então**, **agora** e **depois**, os de intensidade **só**, **somente** e **apenas** e o de negação **não**; (d) a conjunção adversativa **mas**, a aditiva **e**, a

¹¹ Foram observadas na fala de falantes dos grupos 1 e 2 raras instâncias do uso do alomorfe -pe em contextos nos quais o alomorfe esperado é -me (cf. CARVALHO, 2001).

alternativa **ou** e a temporal **quando**; (e) a expressão interrogativa **pra que?**; (f) o marcador de discurso **não é?**; (g) a expressão de surpresa **ah é?**; (h) a construção de aprovação ou afirmação **está bom**; e (i) os verbos **ligar, saber e enganar**.

Carvalho levanta uma importante pergunta sobre a presença de elementos do Português na fala dos Tembé:

- Quais as consequências da presença desses elementos para a integridade do Tembé, para a sua vitalidade e continuidade?

Para Carvalho (2001, p. 82), com respeito aos nomes de elementos da cultura não-indígena, como **números, dias da semana, passagem e chapa**, são casos de empréstimos já bem estabelecidos, que provavelmente foram adotados sem que os falantes bilingues tivessem criado nomes equivalentes em sua língua para referi-los.

Carvalho identificou um *continuum* de proficiência entre os habitantes de Tekoháw, ao longo do qual falantes proficientes se distinguem de falantes com conhecimento menos proficientes, e estes de falantes imperfeitos, os quais, por sua vez, se distinguem de pessoas que entendem, mas não falam o Tembé. No final desse contínuo estão aqueles que conhecem apenas algumas palavras dessa língua. Quanto às mudanças estruturais observadas no Tembé, Carvalho observa que todas têm implicado em perda de material morfológico, simplificando, conseqüentemente, a estrutura morfológica das palavras e os padrões morfossintáticos da gramática Tembé.

Por outro lado, observa que as reduções ocorridas no Tembé têm, de certo modo, tornado essa língua mais próxima da língua dos Ka'apór, seus vizinhos. Mas, pelo menos com respeito a um importante traço, o Tembé tem se tornado mais parecido com o Português e com o Ka'apór, pois a sua tendência tem sido tornar-se cada vez mais analítico.

2.3 Considerações finais

O estudo das mudanças linguísticas observadas em línguas em fase de obsolescência deve considerar o conhecimento preexistente dos fatores condicionantes dessas mudanças e dos tipos de mudanças a eles associados, através das línguas. A situação do Kokáma é muito similar à situação do Tembé, por exemplo, mas algumas de suas características tipológicas são distintas das características tipológicas do Tembé, de sorte que, embora as naturezas e direções das mudanças possam ser as mesmas, o tipo exato da mudança e os fatores condicionantes podem não ser os mesmos. Isso significa que cada caso tem que ser analisado considerando a realidade sociolinguística de cada povo e as estruturas das línguas em atrito.

CAPÍTULO III

Comparação de aspectos fonéticos e fonológicos do Kokáma do Peru e do Kokáma do Brasil

3. Introdução

Neste capítulo reunimos informações sobre alguns aspectos da fonética e da fonologia segmental da língua Kokáma falada no Brasil e comparamos essas informações com aquelas encontradas em Faust e Pike (1959) sobre aspectos da fonologia segmental do Kokáma do Peru. O nosso objetivo é identificar mudanças ocorridas na fala dos últimos Kokáma que preservaram o conhecimento da língua Kokáma no Brasil. Serviram de base para este estudo, além dos dados de Faust e Pike (1959), os dados coletados por Cabral, na aldeia Sapotal, localizada no município de Tabatinga, Alto Solimões, estado do Amazonas, em viagens intermitentes entre 1988 e 1996.

3.1 Breve análise segmental dos sons do Kokáma falado no Brasil

Foram depreendidos dos dados de Cabral, 16 sons vocálicos, dentre os quais 4 nasais e ainda 22 sons consonantais.

Fones vocálicos/Kokáma do Brasil

	Anterior	Central	Posterior
Alta	i ĩ	ɨ	ũ u
	ɪ		ʊ
Média	e ě	ə	o
	ɛ	ɐ ĕ	ɔ
Baixa		a	

Fones consonantais/Kokáma do Brasil

		Bilabial	Labio-dental	Alveolar	Alveo-palatal	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	su	p		t ts		tʃ	k kw	
	so	b		d			g ng	
Nasal		m		n nd		ɲ		
Flepe				r				
Fricativa		β	f	s	ʃ			h
Lateral				l				
Aproximante		w				j		

Uma análise contrastiva de sons foneticamente similares encontrados em pares mínimos e análogos mostra que o Kokáma falado no Brasil possui 5 fonemas vocálicos orais e 21 consonantais, mas cinco dos consonantais só ocorrem em palavras do Espanhol e quatro deles em palavras do Português.

Fonemas vocálicos/Kokáma do Brasil

	Anteriores	Centrais	Posterior
+Altas	i	ɨ	u
-Altas	e	a	

Fonemas consonantais/Kokáma do Brasil

		Bilabial	Labio-dental	Alveolar	Alveo-palatal	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	Su	p		t ts		tʃ	k kw	
	So	(b)		(d)			(g)	
Nasal		m		n nd		ɲ		
Flepe				r				
Fricativa			f	s	ʃ			h
Lateral				(l)				
Aproximante		w				j		

O som [β] corresponde à pronúncia dos sons [β], [v] ou [f] de palavras do espanhol e do Português; os sons [nd] e [ŋg] são resultados da sonorização respectivamente de /t/ e /k/ quando precedidos por /n/, mas há algumas palavras do Kokáma que apresentam [ng] não deriváveis de processos morfofonológicos, razão pela qual o consideramos um fonema da língua que contrasta com /d/ e com /t/; já os sons [b] [d] e [g] ocorrem em palavras de origem espanhola, portuguesa, da Língua Geral Amazônica e do Quêchua; o som [s] ocorre em palavras do espanhol e do Português, mas também em palavras do Kokáma; já o som [l] só ocorre em palavras do Espanhol e do Português. Finalmente, o som [f] ocorre no Kokáma do Brasil, no mesmo ambiente em que ocorre no Perú, seguido de /r/, como observou Faust com respeito ao Kokáma do Peru.

[β]:

[βihɔ] ‘viejo’

[βjestɐ] ‘fiesta’

[βɛftɐ] ‘festa’

[nd]:

Há uma palavra Kokáma em que o som [nd] não pode ser derivado sincronicamente da sonorização de /t/. Trata-se da partícula existencial negativa /temende/.

[ŋg]:

ahan ‘este’+ ka ‘em’--> [a'hẽŋgɐ] ‘aqui’

[s]:

[sẽndiɐ] ‘sandía’ (melancia)

[f]:

[su'fri]kɐ] ‘sofrer’

Há uma ligeira flutuação de [s] e [ts] em palavras do Kokáma como [sitsɐ] ~ [tsitsɐ] ‘flor’.

[l]:

'lata 'lata'

'lunes 'segunda-feira'

3.1.1. Demonstração de contrastes através de pares mínimos e análogos

Vogais

/e/ e /i/

/tsenu/ [tsenu] ‘escutar’

/tsini/ [tsini] ‘branco’

/e/ e /a/

/kena/ [ˈkenə] ‘flauta’

/kana/ [ˈkanə] ‘plural’

/i/ e /i/

/pira/ [ˈpirə] ‘pele’

/kira/ [ˈkirə] ‘imaturu’, ‘atenuativo afetivo’

/jatsi/ [ˈjatsɪ] ‘karapanã’

/jatsi/ [ˈjatsɪ] ‘lua’, ‘mês’

/u/ e /i/

/ura/ [ˈurə] ‘vareja’

/iwira/ [ˈiwira] ‘madeira’

Consoantes

/p/ e /b/

/beju/ [ˈbejʊ] ‘beju’

/penu/ [ˈpenʊ] ‘nós exclusivo (FF)’

/p/ e /m/

/beju/ [ˈbejʊ] ‘beju’

/meru/ ['meru] 'mosca'

/m/ e /p/

/uka/ ['ukə] 'casa'

/upa/ ['upə] 'tudo'

/p/ e /w/

/ipira/ ['ipirə] 'peixe'

/wira/ ['wirə] 'passarinho'

/m/ e /w/

/wira/ ['wirə] 'passarinho'

/memira/ [me'mirə] 'filho/filha de mulher'

/m/ e /n/

/panama/ [pa'nāmə] 'borboleta'

/parana/ [pa'rãnə] 'rio'

/ts/ e /t/

/itsa/ ['itsə] 'macaco de cheiro'

/ita/ ['itə] 'pedra'

/ts/ e /tʃ/

/jatsi/ [jatsi] ‘lua’

/kwaratʃi/ [kwa'ratʃɪ] ‘sol’

/t/ e /tʃ/

/tʃurinan/ [tʃurɪnã̃] ‘piriquinho’

/tutira/ [tu'tirɐ] ‘irmão da mãe’

/j/ e /tʃ/

/juru/ [juro] ‘boca’

/tʃuri/ [tʃurɪ] ‘piriquito’

/t/ e /n/

/poteri/ [po'terɪ] ‘garrafa’

/tukunari/ [tuku'narɪ] ‘tucunaré’

/ɲ/ e /ts/

/iɲa/ [iɲɐ] ‘bodó’

/itsa/ [itsɐ] ‘macaco de cheiro’

/ɲ/ e /n/

/ɲapitsara/ [ɲap'tsarɐ] ‘homem’

/napitʃika/ [napitʃikɐ] ‘você pega’

/ɲ/ e /j/

/ɲapitsara/ [ɲap'tsare] 'homem'

/japitsoj/ [japɾ'tsoj] 'depois'

/r/ e /n/

/uri/ [uri] 'ele FM'

/uni/ [õni] ~ [ũni] 'água'

/parana/ [pa'rãne] 'rio'

/panara/ [pa'naɾe] 'banana'

/k/ e /kw/

/kwara/ [kware] 'buraco'

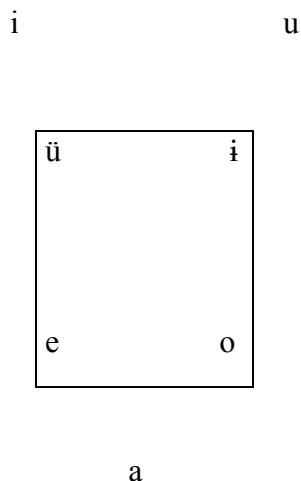
/ikara/ [ikare] 'cantar'

3.2 Comparação dos dados de Cabral (dados, 1988-1996) com os dados de Faust e Pike (1959)

Uma comparação dos resultados da breve análise dos sons registrados na fala de indivíduos Kokama no Brasil (CABRAL, dados 1988-1996) com os resultados da análise de Faust e Pike (1959) do Kokáma falado no Peru mostra que se trata da mesma língua e que as diferenças repousam mais no que diz respeito à vogal média anterior que, segundo Faust e Pike é produzida com a língua acanalada, enquanto que os *e(s)* do Kokáma do Brasil têm mais semelhança com as pronúncias do *e* do espanhol. Segundo Cabral (comunicação pessoal), em algumas pronúncias do /e/ do Kokáma do Brasil percebe-se uma leve desanteriorização, mas nada que o caracterize como um som atípico ou exótico.

Reproduzimos aqui os quadros fonéticos e fonológicos das vogais e consoantes do Kokáma apresentados em Faust e Pike (1959).

Quadro fonético das vogais/Kokáma do Peru



Conforme Faust e Pike (1959), as três vogais fora do quadrado são as que ocorrem com mais frequência na língua. Segundo as autoras, a distribuição desses sons dentro de um morfema e nos limites morfêmicos são semelhantes, em contraste com as vogais que se acham dentro do quadrado. As duas vogais situadas mais embaixo no quadrado ocorrem somente em empréstimos léxicais, ao passo que as outras duas nunca ocorrem em tais empréstimos. A

vogal *u*, segundo as autoras, é produzida com a língua acanalada como na pronúncia de um *s*. Este som não foi encontrado no Kokáma do Brasil.

De acordo com Faust e Pike (1959) as vogais podem variar livremente com suas correspondentes surdas, quer em início de palavra quer em sílabas não acentuadas.

u'kaima [u'ka'ima] ou [U'ka'ima] 'perder'

[ku,mitsa'kapa] ou [ku,mitsA'kapA] 'eles estão falando'

[tsa,pitšipu'raŋ] ou [tsa,pitšIpu'raŋ] 'aquele que fica acordado'

Para Faust e Pike (1959) há dois sons transicionais não contrastantes: [ə] e [ʏ]. O som [ə] que ocorre opcionalmente antes de /r/ seguindo qualquer consoante, mas em nenhum momento tal sílaba tem a duração, a acentuação e a altura de outros núcleos de sílabas.

[ikəřuma] ou [ikřuma] 'recentemente'

[atsəřika] ou [atsřika] 'rio abaixo'

[mitsapəřika] ou [mitsapřika] 'três'

Este som também foi registrado nos dados do Kokáma do Brasil. Entretanto o som [ə] ocorre como núcleo de sílaba flutuando com a vogal central alta, diferentemente do ambiente registrado no Kokáma do Peru, como mostram os seguintes exemplos:

[iʷə oja'kəɾə] 'pé de cana'

[ə'itʉ] 'ar'

[mətʉ] 'mutum'

[əmwə] 'outro'

O som [ɣ] ocorre opcionalmente entre /i/ e /a/.

ia'tira [iʷa'tiɾa] 'primeiro'

Este som não foi identificado nos dados do Kokáma do Brasil.

Quadro fonético das consoantes construído a partir dos dados apresentados por Faust e Pike (1959):

Fones consonantais/Kokáma do Peru

		Bilabial	Labiodental	Alveolar	Alveo-palatal	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	su so	p b		t ɕ d		č	k g	
Nasal		m		n		ɲ		
Flepe				r				
Fricativa			f	s	š			h
Lateral				l				
Aproximante		w				y		

Segundo Faust & Pike (1959) em kokama há dezessete fonemas consonantais que podem ser divididos em oclusivas e continuas.

Quadro fonológico das consoantes construído a partir dos dados apresentados por Faust e Pike (1959):

Fonemas consonantais/Kokáma do Peru

		Bilabial	Alveolar	Alveo- palatal	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	su so	p b	t ɸ d		č	k g	
Nasal		m	n				
Flepe			r				
Fricativa			s	š			h
Lateral			l				
Aproximante		w			y		

Faust e Pike (1959) observam que os sons *l*, *b*, *w* ocorrem em empréstimos do espanhol e que o som *h* ocorre em poucos morfemas. Esta mesma observação fizemos para o Kokáma do Brasil. Consideram também que [w, b, v] são alofones de /w/ que ocorrem livremente antes de /i/ e /ü/. [f], que ocorre somente precedendo [ř], está em distribuição complementar com [w].

/w, /s/ e /š/

ča'witi [tsa'witi] ou [tsa'biti] ou [tsa'viti]

‘responder’

'wünü ou ['wünü] ou ['bünü] ou ['vünü]

‘transportar’

suw'riška [suf řiška]

‘correr’

'sisa

‘flor’

širu

‘minhas roupas’ (fala feminina)

As centrais planas para Faust e Pike (1959) contrastam em dois pontos de articulação: palatal e glotal. [y] e [ɔ̃] estão em distribuição complementar neste dialeto do Kokáma. [y] ocorre somente precedendo /i/, enquanto que em alguns outros dialetos [ɔ̃] é substituído por [y].

/y/ e /h/

a'yan [a'ðaŋ] ‘qualquer coisa em ponta de lança’

a'han ‘este’ (fala feminina)

Segundo Faust e Pike (1959) as nasais contrastam em pontos de articulação labial e não labial. [n] e [ŋ] são alofones de /n/; [ŋ] ocorre somente precedendo velares e em final de palavra. Nesta última posição ela é opcionalmente atualizada como nasalização de vogal precedente.

/m/ e /n/

i'nimu ‘fio’

ku'numi ‘um jovem’

mitima'ran [mitima'raŋ] ‘aquele que planta’

ikraçün'gira [i'křatsüŋ'gĩra] ‘criancinha’

pita'nin [pita'ri] ou [pita'niŋ] ‘algo maduro’

Diferenças encontradas entre o Kokama do Peru e o Kokáma do Brasil:

		Kokama do Peru, Faust e Pike (1959)	Kokama do Brasil, Cabral (dados, 1988-1996)
VOGAIS	FONÉTICAS	-----	Vogais nasalizadas
		-----	Vogais abertas
	FONOLÓGICAS	/e/ final	/e/ e /i/ finais
		/ü/ e /o/	/e/
CONSOANTES	FONÉTICAS	-----	[kw], [nd], [ŋg], [ɲ],
		[f]	[β]
	FONOLÓGICAS	-----	/kw/, /nd/, /ɲ/

3.2.1 Padrões silábicos do Kokáma

Os padrões silábicos encontrados por Faust e Pike (1959) são os seguintes:

V a'kiča 'medo'

VV aɪ'waska 'uma droga extraída de um cipó'

CV ka'nata 'luz'

CVV ku'a'rači 'sol'

VC pa'in 'puro'

VVC aɪs'mika 'verdadeiro' (exemplo único com flutuação livre na pronúncia)

		até as'mika)
CVC	ipin	'macio'
CVYC	ikuān	'instruído'
CCV	'sti	'meu nariz' (fala feminina)

O padrão silábico CV foi o mais encontrado nas enunciações mínimas do Kokáma do Peru. Os mesmos padrões silábicos são encontrados no Kokáma do Brasil.

3.2.2 Acento

Quanto ao acento, o Kokáma do Brasil, assim como o Kokáma do Peru, possui acento na penúltima sílaba de temas. Esse padrão muda quando um tema se combina com o nominalizador *-n* (pítáni + *-n* = pítanín 'o vermelho' que atrai o acento para a última sílaba da palavra. Provavelmente por formar um padrão CVC final. Há, por outro lado, algumas palavras que possuem acento final. Estes são os dêiticos ikiá 'este' e juká 'isso' (FM).

3.2.3 Em termos fonético-fonológicos, quais as diferenças entre o Kokáma do Brasil e o Kokáma registrado por Faust e Pike?

Na realidade, não há diferença marcante entre os sons identificados no Kokáma do Peru por Faust e Pike e os sons identificados por Cabral no Kokáma falado no Brasil. A diferença mais forte diz respeito às características fonéticas da vogal anterior média do Kokáma do Brasil que é pronunciada [e] e que corresponde ao que Faust e Pike representaram foneticamente por /ii/, uma vogal anterior produzida com a língua acanalada (*tumundu* 'não há nenhum' versus *temende* 'não há nenhum').

Há por outro lado, pequenas diferenças fonológicas entre palavras das duas variedades, como por exemplo, algumas palavras do Kokáma do Peru tem o fonema *e* final, mas no Kokáma, essas palavras apresentam um /i/ final.

Peru	Brasil	
[<i>'wepe</i>]	[<i>'ojpɪ</i>] ~ [<i>'wepɪ</i>]	‘um/uma’
[<i>pu'ripe</i>]	[<i>pu'repɪ</i>] ~ [<i>pu'ripe</i>]	‘comprar’

3.3 Conclusão

Uma comparação dos sons das duas variedades do Kokáma mostra que não houve redução no número de sons ou no número de fonemas na variedade do Brasil. O que foi verificado foi a diferença de qualidade da vogal /e/ da variedade do Brasil que difere do que foi descrito para a variedade do Peru /ü/. Mas foram identificadas pequenas variações na pronúncia de palavras do português e diferenças na forma fonológica de pouquíssimas palavras como, por exemplo, a palavra para o número *um*. Em suma, podemos concluir que não houve perdas fonético-fonológicas na fala dos últimos falantes do Kokáma do Brasil.

CAPÍTULO IV

Kokáma do Peru e Kokáma do Brasil: uma análise contrastiva da morfossintaxe

4 Introdução

Neste capítulo faremos uma análise contrastiva entre o Kokáma falado no Brasil e o Kokáma falado no Peru, a partir dos dados de Faust (1972) e nos dados de Espinosa (1989), assim como nos dados coletados por Cabral entre 1988 e 1996 junto aos últimos falantes do Kokáma no Brasil. O objetivo dessa comparação é identificar a natureza das mudanças ocorridas na fala dos Kokáma do Brasil tendo como referência a língua Kokáma registrada no Peru nos anos 70 do século passado. Os resultados obtidos da comparação constituirão evidências da morfologia para traçar um quadro geral das mudanças ocorridas no Kokáma do Brasil em sua fase final de extinção.

4.1 Análise contrastiva da estrutura das palavras nas duas variantes

Essa comparação tem como referência básica a análise feita por Norma Faust da gramática da língua Kokáma falada no Peru e a análise de aspectos gramaticais da variante da língua Kokáma falada no Brasil (CABRAL, dados, 1988-1996). A *Gramática Cocama: lecciones para el aprendizaje del idioma cocama* de autoria de Faust (1972) é uma gramática pedagógica, de sorte que, embora seja fundamentada em uma análise linguística do Kokáma, a terminologia usada no trabalho é voltada para aprendizes da língua Kokáma, e não dirigida a linguistas. Dessa forma, a maioria das considerações que fazemos aqui, e que são depreendidas da gramática pedagógica de Faust, foram ajustadas a uma linguagem mais especializada, com base em interpretações ou reinterpretações das informações presentes no trabalho de Faust. Procuraremos, contudo, sinalizar quando uma informação é retirada diretamente do trabalho de Faust ou quando é uma interpretação ou reinterpretação dessas informações.

4.1.1 Classes de palavras

Faust (1972) fala de substantivos e de verbos, ao invés de nomes e verbos, mas o uso que faz da palavra substantivo corresponde, na realidade, à categoria nome. Os substantivos, como são chamados por Faust, integram, em outras palavras, a classe dos nomes, que se caracterizam por se combinar com a marca de plural *kana* e com os sufixos *-kíra* ‘atenuativo. afetivo’; *watsu* ‘intensivo’; *-pa* ‘cheio’, ‘pleno’; *-tíru* ‘recipiente’; *-jara* ‘dono.possuidor’:

Na variante do Brasil todos esses sufixos são bastante usados. O sufixo *-kíra* combina-se também com nomes próprios, enquanto expressão de carinho e familiaridade com respeito ao dono do nome:

memírakíra ‘filhinho ou filhinha de mulher’

Anakíra ‘Aninha’

Alicikíra ‘Alicinha’

Mariakíra ‘Mariazinha’

Exemplos de nomes derivados por meio dos demais sufixos contidos na obra de Espinosa (1989):

-tíru ‘recipiente’

púa-tíru ‘anel’

úwa-tíru ‘recipiente para guardar flecha’

-jara ‘dono.possuidor’

tjípi+jára ‘preço’

ku-jára ‘dono da roça’

yamáma+jára ‘triste’

tsaríwa+jára --> tsaríwajára ‘alegre’, ‘dono de alegria’
 mutsána+jára --> mutsanára ‘médico’, ‘dono do remédio’

-pa ‘cheio’

jumíra+pa --> jumirápa ‘cheio de enjôo’
 tsaríwa+pa --> tsaríwapá+n --> tsaríwapá+n ‘o plenamente alegre’
 miríti+pa+n ‘pleno de muriti’
 úni+pa+n ‘cheio de água’

-watsu ‘intensivo’

muj+watsu --> mujwatsu ‘jibóia’

Os nomes em Kokáma tanto do Brasil quanto do Peru também se combinam com a marca de plural *-kana*’

tapuja+kana ‘índios’

maj+kána ‘brancos’

panára+kána ‘bananas’

4.1.1.1 Nomes como complemento de posposições

Nomes em Kokáma do Peru e do Brasil se combinam com posposições que são as seguintes¹²:

¹² Cabral (1995, p. 129) mostra um exemplo cristalizado no Kokáma do demonstrativo *aʔé* do Tupinambá com o sufixo {-pe}, ambos de origem Tupinambá, *aʔepe* ‘lá’, (invisível) no advérbio de lugar *raepe* (FM)/*jaepe* (FF)

<i>ka</i>	‘em’
<i>pu</i>	‘instrumentivo’
<i>muki</i>	‘com’
<i>kuara</i>	‘em, dentro de’
<i>wíri</i>	‘debaixo, dentro’
<i>ari</i>	‘em, sobre, acerca de, concernente a’ ¹³
<i>arika</i>	‘oposto, a frente de’
<i>aríwa</i>	‘sobre, em cima de’ ¹⁴
<i>tsuj</i>	‘afastando-se de’
<i>tsenu</i>	‘para’
<i>rupe</i>	‘por’

Alguns exemplos do Kokáma do Brasil em que essas posições ocorrem são:

10) *Francisco purepe iwatsu Valdemir tsuj*

Francisco comprar pirarucu Valdemir ABL

‘Francisco comprou pirarucu de Valdemir’

11) *Otavio kanata banco ipupe-kwara tsajpura*

‘lá’. Cabral salienta que *r/jaepe* é também o complemento de posições em expressões de tempo tais como *j/raepetsuj*, *r/jaepe* ‘lá’, *tsuj* ‘de’, significando ‘depois’.

¹³ Segundo Cabral, *ari* ‘sobre, acerca’ consiste no único exemplo cristalizado do sufixo partitivo locativo do Tupinambá (Ibid., p.130).

¹⁴ Cabral observa que a posição do Kokáma *aríwa* ‘sobre’ é o único caso onde {-*bo*} da língua Tupí-Guaraní que contribuiu para a formação do Kokáma aparece como um elemento cristalizado (Ibid., p. 130).

Otávio clarear banco dentro-INESS bêbado

‘Otávio amanheceu bêbado debaixo do banco’

Todas as posposições descritas para o Kokáma do Peru por Faust (1972) continuam presentes na variante Kokáma falada no Brasil.

4.1.1.2 Numerais

Os numerais presentes no Kokáma do Peru ainda permanecem na memória dos últimos falantes mais fluentes do Kokáma no Brasil, embora estes não mais façam uso frequente de todas as possibilidades combinatórias de formas numerais para expressar quantidades maiores.¹⁵

Numerais descritos por Faust (1972, p. 49):

wepe	‘um’
mukujka	‘dois’
mutsapirika	‘três’
iruaka	‘quatro’
pitjka	‘cinco’
sokta	‘seis’
kansi	‘sete’
pusa	‘oito’
iskun	‘nove’

¹⁵ De acordo com Cabral (1995, p. 125) Kokáma tem *wepe* ‘um’, *mukujka* ‘dois’, *mutsapirika* ‘três’ e *irwaka* ‘quatro’, todos de origem Tupi-Guarani. Os números cardiais correspondem em forma aos numerais flexionados pelo caso nominal encontrado em Tupinambá, i.e., ordinais.

tjunga	‘dez’
tjunga wepe	‘onze’ (10+1)
tjunga mukujka	‘doze’ (10+2)
mukujka tjunga	‘vinte’ (2x10)
mutsapirika txunga	‘trinta’ (3x10)
mutsapirika tjunga wepe	‘trinta e um’ (3x10+1)
patja	‘cem ou cento’
mukujka patja	‘duzentos’ (2x100)
mukujka patja wepe	‘duzentos e um’ (200+1)
mukujka patja tjunga iruaka	‘duzentos e quatorze’ (200+10+4)
mukujka patja socta tjunga	‘duzentos e sessenta’ {200+ (6x100)}
mukujka patja socta tjunga kansi	‘duzentos e sessenta e sete’ {2x100+(6x10)+7}
waranga	‘mil’

Exemplos do Kokáma do Brasil contendo esses numerais:

12) *Dona Etília* irori iruaka atawari sopja

Dona Etília trazer quatro galinha ovo

‘Dona Etília trouxe quatro ovos de galinha’

13) *wepe~ojpe perota*

uma bola

‘uma bola’

14) *wepe lawapy*

um jabuti

‘um jabuti’

15) *mukujka ðratsin*

dois menino

‘dois meninos’

16) *mukujka uka*

dois casa

‘duas casas’

17) *mutsapîrîka kaj*

três macaco prego

‘três macacos prego’

18) *iruaka* *ɲaptsara*

quatro homem

‘quatro homens’

19) *pitʃka* *libros*

cinco libros

‘cinco livros’

20) *sokta* *wajna*

seis mulher

‘seis mulheres’

21) *kansi* *uɣrasuri*

sete mentiroso

‘sete mentirosos’

22) *pusa* *sitsa*

oito flor

‘oito flores’

- 23) *iskun ipira*
 nove peixe
 ‘nove peixes’
- 24) *tfunga pua*
 dez dedo
 ‘dez dedos’
- 25) *ojpe txunga iara*
 um dez canoa
 ‘onze canoas’
- 26) *tfunga mukuika motoru*
 dez dois motor
 ‘doze canoas com motor’
- 27) *mutsapĩrĩka tfunga motoru*
 três dez canoa com motor
 ‘treze canoas com motor’

28) *iruaka tfunga japikawa*

quatro dez cadeira

‘quatorze cadeiras ‘

29) *pitfka tfunga livros*

cinco dez livros

‘quinze livros’

30) *sokta tfunga jami*

oito dez prato

‘dezesesseis pratos’

31) *kanzi tfunga jukutxi*

sete dez panela

‘dezesete panelas’

32) *iskun tfunga atawari*

nove dez galinha

‘dezenove galinhas’

33) *mukujka tfunga jawara*

dois dez cachorro

‘vinte cachorros’

34) *mutsapĩrka tfunga atawari*

três dez galinha

‘treze galinhas’

35) *iruaka tfunga banana*

quatro dez banana

‘quarenta pencas (cachos) de bananas’

36) *sokta tfunga wĩwa*

seis dez flecha

‘sessenta flechas’

37) *iskun papa iwa*

oito mamão pé

‘oito pés de mamão’

38) *iruaka patfa*

quatro cem

‘quatrocentos ‘

39) *pitxka patfa*

cinco cem

‘quinhentos’

40) *tfunnga patfa*

dez cem

mil

É interessante notar que, ao invés de utilizar a palavra *waranga* ‘mil’ do Kokáma, Seu Antônio Samias aplicou o sistema decimal 10 x 100. Os exemplos com numerais 25) *ojpe txunga iara*; 28) *iruaka tfunnga japikawa*; 29) *pitfka tfunnga livro*; 30) *sokta tfunnga jami*; 31) *k anzi tfunnga jukutxi*; 32) *iskun tfunnga atawari* e 34) *mutsapirika tfunnga atawari* diferem do sistema numérico apresentado por Faust quanto à ordem dos elementos no sintagma nominal,

isto é, em vez de falar *tfunga pitfka livro* (10+5) para o número 15 o falante usou (5x10) como pode ser visto no exemplo 29) *pitfka tfunga livro*. Já nos exemplos 26) *tfunga mukuika motoru*; 33) *mukujka tfunga jawara*; 35) *iruaka tfunga banana*; 36) *sokta tfunga wíwa*; 38) *iruaka patfa* e 39) *pitxka patfa*, foi aplicado o mesmo sistema numérico apresentado por Faust. É muito provável que tenha sido por cansaço ou desatenção que o Seu Antônio Samias tenha trocado a ordem dos elementos.

4.1.1.3 Pronomes pessoais

Faust (1972) descreve duas séries de pronomes pessoais para o Kokáma do Peru, a série de formas longas e a série de formas curtas.

Pronomes pessoais (formas longas)

	Fala feminina	Fala masculina
1	etse	ta
2	ene	
12	ini	
13	penu	tana
23	epe	
3	ai	uri, ura
34	inu	rana

Pronomes pessoais (formas curtas)

	Fala feminina	Fala masculina
1	tsa	ta
2	na	
12	ini	
13	penu	tana
23	epe	
3	ja	ra
34	inu	rana

As formas curtas monossilábicas e a forma para '23' sofrem reduções fonológicas quando em contato com sons vocálicos:

Glossa	Forma pronominal	Diante de V
1FM	tsa	ts, tʃ ¹⁶
1FM	ta	T
23	epe	P
3FF	ja	J
3FM	ra	R

A primeira pessoa da fala feminina sofre obrigatoriamente redução e palatalização quando em contato com os dois sons coronais e continuantes da língua /i/ e /j/:

¹⁶ ts 'eu', 'mim, meu/minha' muda para tʃ antes de i e de j.

- 41) *tsa ja jamina* --> *tfia jamina*
1FF coração raiva
 ‘meu coração está zangado’

Exemplos com pronomes pessoais do Kokáma do Brasil:

- 42) *jakari animari era ra tseta eju*
 jacaré animal bom **3FM** gosta comer
 ‘o jacaré é o bicho que ela mais gosta de comer’

- 43) *maria kumitsaj otavio jumira japsuj jate*
 Maria conversar Otávio raiva depois carapanã

jumirata aj uka kwara
 fazer raiva **3FF** casa dentro

‘Maria disse que seu otávio estava com raiva dos carapanãs da casa dele’

- 44) *jate jumurate j uka kwara*
 carapanã fazer.raiva **3FF** casa dentro
 ‘carapanã deu raiva para ele dentro da casa dele’

- 45) *etse antonio kumitsa enok westaka*
1FF Antônio falar Enok festa
 ‘também eu falei na festa de Enoque’

O quadro abaixo apresenta o quadro das formas pronominais Kokáma incluindo as formas curtas:

	Fala feminina	Fala masculina
1	t _s a ~ t _s / ~ tʃ	ta ~ t
2		na ~ n
12		ini
13	penu	tana
23		epe ~ p
3	ja ~ j	ra ~ r
34	inu	rana

Dessas reduções, apenas a palatalização de *ts* em *tʃ* é obrigatória. Isso ocorre quando *ts* entra em contato com palavras iniciadas por sons anteriores e altos.

Sobre a distribuição das formas pronominais:

Faust (1972, p. 27) descreve a seguinte distribuição das formas longas e curtas dos pronomes do Kokáma:

Usa-se a forma longa de um pronome nas seguintes situações:

1. Quando aparece como complemento.

*¹⁷Purepeta etse na mimapu.

(Purepeta ETSE ‘venda-me’ na mimapu ‘Venda-me por meio de seu animal domesticado’)

2. Quando aparece na função de sujeito e como primeiro elemento da oração ou como último elemento do predicado.

*Etse tseta atawari. ‘eu quero galinha’.

(*etse ‘eu’, tseta ‘querer’, atawari ‘galinha’)

Tima txípijara URA riaka. ‘Ela não custa muito’.

Uri txípijara. ‘Ela custa’.

Uri e ura ocorrem antes e depois do predicado, respectivamente.

Usa-se a forma curta de um pronome:

1. Na função de possuidor.

(na mama ‘tua mãe’)

2. Quando funciona como sujeito da oração, mas não é o primeiro elemento desta, embora preceda o predicado.

Atawari ra tseta. ‘Galinha ele quer’.

(atawari ‘galinha’, ra ‘ele’, tseta ‘quer’)

Resumimos abaixo a distribuição das formas pronominais, segundo Faust (1972), de acordo com as funções que exercem:

¹⁷ O símbolo * é usado por Faust (1972) para representar a fala feminina.

Forma longa	Forma curta
Função: sujeito Posição: primeiro elemento da oração: <i>Ai tseta atawari.</i> 3FF querer galinha ‘Ela quer galinha.’	Função: determinante Posição: sempre precedendo o nome: <i>Na ku-ka ta utsu.</i> 2 roça-para 1FM ir ‘Eu vou a tua roça’.
Função: sujeito Posição: último elemento do predicado: <i>Eranan etse.</i> estar bem 1FF ‘Estou bem.’	Função: sujeito Posição: precede o predicado, mas não é o primeiro elemento da oração: <i>Jawiri ra tseta.</i> mandioca 3FM querer ‘Ele quer mandioca.’
Função: complemento do verbo Posição: quando não está entre o predicado e uma partícula: <i>Ta tseta ura.</i> 1FM querer 3FM ‘Eu o quero.’	Função: complemento do verbo Posição: quando está entre o verbo e uma partícula: <i>Tsa mama purepe ja ui.</i> 1FF mãe comprar 3FF PT ‘Minha mãe o comprou.’

Uma comparação dos dados do Kokáma coletados por Faust (1972) com os dados do Kokáma coletados por Cabral (dados, 1988-1996) evidenciam o seguinte:

A variante falada no Brasil, como podemos ver nos exemplos a seguir, apresenta a mesma distribuição das formas pronominais do Kokama registrado por Faust (1972):

- 46) *ura* *jumi* *tsupja* *presente* *Sueli* *tsupe*
 3FM dar ovo presente Suelly para
 ‘ela deu os ovos de presente para Suelly’

- 47) *maria jume manipyara ta + tsupe*
 Maria dar foice **1FM+** para

‘Maria deu a foice para mim’

- 48) *eripaka na mirikwa*
 bonito **2** esposa

‘é bonita sua mulher?’

- 49) *ta tajra ipuku*
1FM filha alta

‘minha filha é alta’

- 50) *tša- tajra ipuku*
1FF filha de homem alto

‘meu filho é alto’

- 51) *ta tajra t̃na iipuku*
1FM filha de homem NEG alto

‘minha filha é baixa’

De acordo com Cabral (1995, p. 132) tanto as formas curtas quanto as longas podem funcionar como objeto e como sujeito, contudo somente as formas curtas ocorrem como possuidor e complemento de posições. A forma longa *uri* pode ocorrer como sujeito e como objeto, enquanto que a forma longa *ura* só ocorre como objeto, quando este não é seguido por uma partícula.

Seu Antônio, o mais proficiente na língua Kokáma do Brasil, várias vezes usa a forma da primeira pessoa da fala feminina pela primeira pessoa da fala masculina. O mesmo foi observado na fala de Seu Francisco. Mas pouquíssimos são os casos em que as mulheres usam a forma da primeira pessoa masculina. Exemplos de fala do Seu Francisco e do Seu Antônio usando a forma da primeira pessoa da fala feminina:

52) *tsa* *taíra* *kurata* *awarinde*
 1FF filho (de homem) bebe cachaça
 ‘meu filho bebe cachaça’ (Francisco)

53) *etse* *tíma* *kurata* *awarinde*
 1FF NEG bebe cachaça
 ‘eu não bebo cachaça’ (Francisco)

54) *etse* *utsu* *kamata-tara* *ku-ka*
 1FF ir trabalhar-intenção roça-LOC
 ‘eu vou trabalhar na roça’ (Antônio)

55) *umi* *tsa* *kuratamiran*
 água 1FF beber
 ‘a água é para eu beber’ (Antônio)

Outro sinal de redução é o uso da primeira pessoa exclusiva da fala feminina tanto pelo homem quanto pela mulher.

- 56) *penu t̃ma kuriku jará*
 13FF NEG dinheiro-dono
 ‘nós não temos dinheiro’ (Antônio)

4.1.1.4 Pronomes demonstrativos

O Kokáma faz apenas uma distinção espacial nos seus demonstrativos, sendo o ponto de referência o falante: perto do falante e menos perto do falante. Os demonstrativos também possuem formas para a fala feminina e formas para a fala masculina:

	Perto do falante		Menos perto do falante	
FF	ahan	‘este’	jukun	‘esse, aquele’
FF	ahanga	‘aqui’	jukungá, jaepe	‘ali, lá’
FM	ikiá	‘este’	juká	‘esse, aquele’
FM	ikiaka	‘aqui’	jukaka, raepe	‘ali, lá’

Segundo Faust (1972, p. 36) os demonstrativos podem também modificar nomes, mas com menos frequência do que ocorre com os nomes adjetivos. Alguns exemplos dados pela autora de demonstrativos modificando nomes são:

- 57) *ta tseta juká janukatan p#anin*
 1FM querer aquele pano vermelho
 ‘quero aquele pano vermelho’
- 58) *etse tseta jukun janukatan p#anin*
 1FF querer aquele pano vermelho
 ‘quero aquele pano vermelho’
- 58) *uri tseta ikiá jawara t#uran*
 3FM quer este cachorro pequeno
 ‘ele quer este cachorro pequeno’.
- 59) *ai tseta ahan jawara t#uran*
 3FF quer este cachorro pequeno
 ‘ele quer este cachorro pequeno’.
- 60) *ikiá jawara t#uran ra tseta*
 este cachorro pequeno 3FM querer
 ‘ele quer este cachorro pequeno’
- 61) *ahan jawara t#uran ja tseta*
 este cachorro pequeno 3FF querer
 ‘ele quer este cachorro pequeno’

Na variante do Kokáma do Brasil a distinção entre formas da fala feminina e masculina tende a desaparecer e a forma *ahan* não foi atestada. Por outro lado, *ahanga* que é resultado da combinação *ahan* + *ka* ‘locativo’ passou a ser usada pelos Kokáma do Brasil com o valor tanto de ‘este’ quanto de ‘aqui’:

62) *ahanga* *uka* *noa*
 esta casa grande
 ‘esta casa é grande’

63) *ahanga* *wíra* *kupuatsu*
 este pau cupuaçu
 ‘este pau é de cupuaçu’

Finalmente, ao contrário do que ocorre na variante do Peru, as ocorrências de demonstrativos modificando nomes no Kokáma do Brasil é maior do que a sua ocorrência como pronomes.

4.1.1.5 Adjetivos

O Kokáma tem uma pequena classe de nomes que expressam sensações, dimensões, cores e qualidades, que podem qualificar outro nome conforme os exemplos a seguir:

era	‘bom’
<i>era ai-n</i>	‘o que é de bom coração’
ajtserapa	‘feia’
aitserapa ura	‘feia ela’
tini	‘branco’
sisatini	‘flor branca’
tini ura	‘branca ela’
ipuku	‘comprido’
parana ipuku	‘rio comprido’

De acordo com os dados de Cabral (dados, 1988-1996) todos esses adjetivos continuavam presentes no léxico do Kokáma do Brasil:

66) *naptsara kanu tsuni*

homem PL preto

‘homens pretos’

67) *tfeta wajna tini*

muita mulher branca

‘muitas mulheres brancas’

- 68) *t/firu pitani*
 roupa vermelha
 ‘roupa vermelha’

4.1.1.6 Verbos

Os verbos do Kokáma se combinam com os seguintes sufixos para formar novos verbos, como se pode ver nos exemplos de Espinosa (1989):¹⁸

Verbo transitivo + reflexivo

-ka ‘reflexivo’

piruka+ka	‘desfolhar-se’
juriti-ka nani+n	‘estar-se apenas’
itse+ka	‘assustar-se’
japara+ka	‘torcer-se’
iriwá+ka	‘virar-se’

¹⁸ Segundo Cabral (1995, p.152), o Kokáma tem um sufixo agentivo {-tara}, o qual vem do alomorfe {-tar} do sufixo agentivo Tupinambá. O sufixo {-ta}~{tatá} ‘instrumento’ é também derivado do alomorfe {-táb} do sufixo {-áb} ‘circunstância’ do Tupinambá. O Kokáma tem também um sufixo contribuindo para o significado do agente habitual {-wára}.

Verbo intransitivo + derivador de verbos transitivos

-ta ‘derivador de verbos transitivos’

utjima ‘sair’

utjima+ta ‘fazer sair’

upaka ‘acordar’

upaka+ta ‘fazer acordar’

umanu ‘morrer’

umanu+ta ‘fazer morrer’ (‘matar’)

Alguns exemplos contextualizados do Kokáma do Brasil contendo palavras formadas com o sufixo -ta:

69) *ukyry-ta tsa mymyra-kyra*
 dormir-DER 1FF filha de mulher-ATN
 ‘faço dormir minha filhinha’

70) *tsa kamata tsin tsa-ku-ka*
 1FF trabalhar PROJ minha-roça-LOC
 ‘vou trabalhar na minha roça’

71) *Ana utfima-ta penu retrato ipira muki penu*
 Ana chegar-DER 13FF retrato peixe com 13FF

‘Ana fez sair nosso retrato com peixe’

Esse sufixo também se combina com nomes e adjetivos nas duas variedades.

Verbos são também a base de derivação de deverbais por meio dos sufixo *-wara* ‘agente habitual’ como observado nos dados de Espinosa (1989):

piruka+wara --> ‘que descasca por ofício, por hábito’

tipiri-ta+wara --> ‘varredor’ ou ‘o que manda varrer’

tsemu-ta-wara --> ‘que costuma alimentar’

purepe +wara --> ‘comprador’

era-ta-wara-kana --> ‘compositores’

-tara ‘nome de instrumento’

tsemu+ta+tara --> ‘alimentador’

umanu-ta-tara --> ‘instrumento de matar’

Todos esses sufixos são produtivos no Kokáma falado no Brasil, inclusive o sufixo *-tara* é usado nas duas variedades como sufixo de propósito, embora no Kokáma do Peru haja duas formas de propósito bastante usadas –*mira* e –*tara*. No Kokáma do Brasil, o sufixo –*mira* tem ocorrência eventual (ver exemplo 55).

Exemplos do Kokáma do Peru, Espinosa (1989):

kurata+ mira --> ‘para beber’

erán tsátji-ta-ka-mira --> ‘bom para se fazer amar’

Exemplos do Kokáma do Brasil com o sufixo *-tara* ‘propósito’:

72) *japitsara utsu aja-tara*
 homem ir caçar-PROP
 ‘os homens foram caçar’

73) *kuja kanu utsu tsuku-tara*
 mulher PL ir lavar-PROP
 ‘as mocinhas (irmãs de homem) foram lavar roupa’

Verbos se combinam também com o sufixo *-ari* ‘continuativo’

awa uri+ari --> ‘tem gente vindo’

pitani-t-ari --> ‘amarelado’

piruka + ari --> *pirukari* ‘que desfolha, descasca’

Para Faust (1972) verbos se combinam ainda com sufixos que expressam noções temporais escalonadas : *-ui* ‘imediato’, *ikwá* ‘recente’, *-tsuri* ‘passado remoto’, *-á* ‘futuro’.

74) *ritama-ka ta utsu ui*
 povoado-LOC 1FF ir PR
 ‘fui ao povoado’. lit.: ‘ao povoado fui (hoje)’.

De acordo com análise de dados de Cabral (dados, 1988-1996), as formas consideradas sufixos temporais por Faust se comportam como partículas. Por outro lado, essas

partículas não são obrigatórias no Kokáma falado no Brasil. Resta saber se elas são realmente obrigatórias no Kokáma do Peru.

Na fala de D^a. Maria, a partícula que expressa algo ‘ocorrido há pouco tempo atrás’, *uj*, é a mais produtiva, mas não ocorre sistematicamente, nem na fala de D^a. Maria nem na dos outros Kokáma.

- 75) *inu* *umanuta-m-uj* *tsatsatsima* *jamim-uj* *ana*
 12FF *morrer-NLZ-PR* *beira* *triste- PR* *ana*
 ‘nós matamos (peixe) na beira, estava triste ana’

- 76) *francisco* *purepe* *iwatsu* *valdemir* *tsuj*
 Francisco comprar pirarucu Valdemir LOC
 ‘Francisco comprou pirarucu de Valdemir’

No Kokáma do Brasil não foi identificada a forma *á* ‘projetivo’, analisada por Faust como sufixo de tempo futuro. Por outro lado, ocorre no Kokáma do Brasil a forma *tsin* que segue predicados para indicar que a informação contida no predicado vai acontecer. Essa mesma partícula ocorre no Kokáma do Peru, conforme dados da gravação feita por missionários do Peru, recentemente.

- 77) *penu* *purepi* *tsin*
 13FF comprar proj
 ‘nós vamos comprar’

- 78) *penu* *eruta* *tsin*
 13FF trazer proj

‘nós vamos trazer (algo)’

Há dois sufixos de modo que podem seguir os indicadores de aspecto e tempo. É muito raro os três indicadores aparecerem juntos em uma só oração. Os sufixos de modo são: *-era* ‘subjuntivo’¹⁹ e *-mia* ‘potencial’.

Exemplos do Kokáma do Peru, Faust (1972):

79) *ritamaka ta utsu era*
 povoado 1FM ir SUBJ
 ‘mas estou indo ao povoado’

80) *ritamaka tsa utsu ui era*
 povoado 1FF ir PR SUBJ
 ‘mas, fui ao povoado (hoje)’.

81) *ritamaka ta utsu á era*
 povoado 1FM ir FT SUBJ
 ‘Mas, irei ao povoado’

82) *ja papa era utsu ja mia*
 3FF pai SUBJ ir 3FF POT
 ‘o pai dele pode levá-lo (em diferentes circunstâncias)’.

¹⁹ O modo subjuntivo em Kokáma não é igual ao modo subjuntivo castelhano. Em Kokáma este expressa incerteza ou ação contrária à que se esperava.

- 83) *uri* *ra* *papa* *era* *utsu* *mia*
 3FM 3FM pai SUBJ ir POT

‘o pai dele poderia tê-lo trazido (hoje) (em diferentes circunstâncias)’.

Na variedade Kokáma do Brasil não há exemplos que contenham essas marcas modais.

4.1.1.7 Partículas

Faust (1972) descreveu várias partículas para o Kokáma, dentre as quais, as seguintes:

típa ‘interrogação’

tíma ‘negação’

na ‘assim mesmo’

tsapa ‘pronto’

Todas essas partículas são muito produtivas nos dados do Kokáma do Brasil.

- 84) *awa-típa* *íkara*
 alguém-INT cantar
 quem canta?

- 85) *ritama* *kwara* *tíma* *tísa* *eju*
 povoado dentro NEG 1FF comer
 ‘eu não comi na cidade’

4.1.2 Relativas

Faust (1972, p. 133) descreve orações relativas sintáticas, que ocorrem com o uso dos sufixos relativos *-nga* e *-ka*, para o Kokáma do Peru. Segundo a autora, o sufixo relativo *-nga* geralmente vai aderido ao pronome de terceira pessoa do singular *uri* (fala masculina) ou *ai*: (fala feminina): *uringa*, *ainga*, ‘o que, este que’.

Maritaku ura, juká uringa ta umi pekuara. ‘O que será isso que vejo pelo caminho!’

* Maritaku ai, jukún ainga tsa umi pekuara.

O sufixo *-nga* também aparece combinado ao enclítico intensificador *tse-*:

Uri tsenga rera. ‘Mas, ele é (contrário ao que esperávamos)’.

*Ai tsenga jera.

O sufixo relativo *-ka* pode aparecer também unido à primeira palavra de uma oração modificadora e tem função similar às que desempenham os pronomes relativos em castelhano:

Katupe rumi ura, mari-ka ajuka ura, nanin. ‘Ele viu claramente o que tinha batido’.

*Katupe jumi ai, mari-ka ajuka ai, nanin.

No Kokáma do Brasil não foi identificado esse tipo de construção.

4.1.2.1 O sufixo nominalizador *-n*

Faust (1972, p. 48) depreende o morfema *+n* de palavras como *tinin* ‘algo branco’, *p#anin* ‘algo vermelho’ e *eran* ‘algo bom’ e considera essas formas como sendo “nomes adjetivos”. Segundo Faust, os nomes adjetivos podem ocorrer na oração como sujeito ou como complemento direto.

1. Como sujeito:

- 86) tua-n utsu-ui ritama +ka
 grande-NLZ ir-PR cidade-LOC
 ‘o grande foi à cidade’

2. Como objeto direto:

- 87) *ta* *tseta* *tini-n*
 1FM querer branco-NLZ
 ‘quero algo branco’

Faust observa, ainda, que os nomes adjetivos podem modificar um outro nome, geralmente seguindo-o:

- 88) *etse* *tseta* *ku* *nua-n*
 1FF querer roça grande-NLZ
 ‘quero uma roça grande’

Cabral (1995) ao analisar o Kokáma comparando-o com o Tupinambá interpreta o morfema *+n* do Kokáma como um relativizador, mas não como um relativizador sintático e sim morfológico, traduzido por ‘o que é ou faz algo...’. De acordo com a autora os estativos da língua Kokáma são relativizados por meio do morfema *-n*, quando funcionam como

atributos. Observa ainda que, nesses casos, podem preceder ou suceder o nome que modificam, diferentemente do Tupinambá, em que o adjetivo rigorosamente sucede o nome.

89) *ritama nua+n*
 aldeia ser grande +REL
 ‘a grande aldeia’

90) *nua+n ritama*
 ser grande+REL aldeia
 ‘a grande aldeia’

É interessante notar que o mesmo nominalizador nominaliza posposições:

91) *tsuj-n na erura*
 ABL-NLZ 2 trazer
 ‘traga esse que está mais longe’ ou ‘traga aquele’

92) *iwata tsuj-n tsakita*
 alto ABL-NLZ cortar
 ‘corte o do alto’

O nominalizador *-n* também se combina com verbos, como mostram os seguintes exemplos:

- 93) mitjira-n
 assar-NLZ
 ‘assado’

As construções formadas a partir do relativizador *+n* são, naturalmente, expressões nominais, podendo funcionar como nome em qualquer uma de suas funções argumentativas, ou podem funcionar como predicados nominais.

No Kokáma do Brasil, as construções nominalizadas com *-n* são muito produtivas.

4.1.3 Conclusão

Neste capítulo procuramos identificar a natureza das mudanças morfológicas e sintáticas ocorridas na fala dos Kokáma do Brasil, tendo como referência a língua Kokáma falada no Peru documentada nos anos 70 do século passado. Os resultados da comparação mostram que as reduções estruturais foram amenas, considerando, sobretudo que os últimos falantes do Kokáma no Brasil já não usavam a língua como primeira língua há mais de vinte anos. A família de Seu Antônio Samias, por ter permanecido unida na comunidade de Sapotal, pode ter tido mais chances de falar a língua em algumas ocasiões.

Das mudanças verificadas destacam-se as tendências à redução das formas pronominais, na medida em que as formas femininas tendem a ser usadas pelos homens. Observamos a tendência a substituir o sufixo de propósito *-míra* pelo nominalizador *-tara*.

Observamos o desaparecimento das orações relativas, mas o uso produtivo de construções nominalizadas pelo sufixo *-n*. Finalmente, observamos que as marcas aspecto-

temporais foram reduzidas no Kokáma do Brasil, permanecendo apenas a marca *-uj* de ‘algo realizado em um passado imediato’, enquanto que as marcas modais desapareceram todas.

CAPÍTULO V

Reduções Lexicais

5 Introdução

Neste capítulo fazemos algumas considerações sobre reduções lexicais ocorridas na fala dos últimos Kokáma do Brasil. Tomamos como fonte de informação as sessões de pesquisa da língua Kokáma realizadas por Cabral (dados, 1988-1996) em Sapotal, em Tabatinga e na região de Letícia.

Consideramos, no que segue, o que dizem os linguistas que trabalham com línguas obsoletas sobre perdas lexicais em fase terminal de uma língua.

5.1 Perdas lexicais

As gravações das sessões de elicitación realizadas por Cabral (dados, 1988-1996) junto aos últimos falantes do Kokáma no Brasil são fundamentais na identificação das perdas lexicais ocorridas entre os Kokáma que aprenderam a falar o Kokáma como primeira língua, mas que ainda na infância tiveram que adotar o Português como a língua principal de comunicação.

Durante as gravações de elicitaciónes sobre itens lexicais, há lacunas, mas nem todas elas devem ser consideradas como correspondentes a perdas definitivas, visto que, ao longo da pesquisa que durou cinco anos, muitas palavras e construções eram lembradas nos encontros promovidos e organizados por Cabral, os quais reuniam os conhecidos Kokáma que representavam as famílias que vieram juntas ao Brasil no começo do século passado.

A lista apresentada a seguir, ilustra algumas das lacunas registradas no momento de uma sessão de elicitación.

FITA Nº 5		
DATA: 28/11/1988		
LADO A		
1)	abelha	mapa
2)	mosca	--
3)	karapanã	jatsi
4)	cupim	kupja
5)	aranha	--
6)	maruim	--
7)	filhote (peixe)	--
8)	macaco guariba	akíki
9)	macaco prego	kaj
10)	macaco roxo	kuata
11)	macaco de cheiro	itsa
12)	árvore	ewriatsi
13)	folha de árvore	tsa
14)	raiz	--
15)	caule	--
16)	tronco	--
17)	galho	tsakãma
18)	rama	tsakãma kəra

19)	flor	tsitsa ~ sitsa
20)	fruto	ewiria
21)	resina	--
22)	semente	--
23)	casca	--
24)	cacho	--
25)	penca	--
26)	casca de fruta	--
27)	gomo	--
28)	caroço	tsaj
29)	suco	--
30)	capim	kapi
31)	milho	awati
32)	mandioca	mãnoka (empréstimo)
33)	farinha de mandioca	uj
34)	tapioca	tapi
35)	beju	bédzu
36)	batata doce	kamoti
37)	aranha	janu
38)	barata	kukaratsi
39)	tucano	aratsari

40)	tronco	iwira
41)	batata doce	kamota
42)	cascavel	sojtini
43)	todos pássaros	aftop wira
44)	tartaruga	puka
45)	peixe aracú	kuana
46)	boto	ipiruirá
47)	raiz	tsapwa
48)	papagaio pequeno	kuri tswara
49)	macaco de cheiro	itsakan
50)	cobra grande	mojwatsu
51)	iacamim	jakana
52)	preguiça	iruti
53)	gança	wakara
54)	fogo	tata
55)	terra	tujuka
56)	água	uni
57)	ar	iwitu
58)	arraia	jaraura
59)	cinza	tanimuka
60)	praga	tata
lado b		

61)	jacaré	jakari
62)	cobra	moj
63)	macaco	akyk
64)	anta	tapyra
65)	papagaio	urouru
66)	arara	wakamaj
67)	esp. de tartaruga	tarikaj
68)	gavião	uratsu
69)	peixe	ipira
70)	onça	jawarajutara
71)	cachorro	jawara
72)	formiga	tsatswa
73)	gafanhoto	tʃiriri
74)	passarinho	wira
75)	borboleta	panama
76)	piolho	kíwa
77)	barata	kukaratʃa
78)	aranha	--
79)	tamanduá	tamaniu
80)	paca	pikuru
81)	tatu	tatu
82)	cutia	akuti

83)	porco, queixada	tajatsu
84)	galinha	atawari
85)	veado	itsuatsu
86)	capivara	kapiwara
87)	pica-pau	--
88)	pato	urúma
88)	coruja	--
89)	urubú	urupu
90)	piranha	ipira
91)	sapo	koruru
92)	minhoca, verme	tsuj
93)	lagarto	ura
94)	morcego	anira
95)	rato	tsanuja
96)	carrapato	--
97)	caitutú	--
98)	gato	mifu
99)	sucuri	tsukuri
100)	cascavel	jararaka
101)	ave	piuri mōtu
102)	beija-flor	majnunma
103)	peixe	tamakytji

104)	acará	akarawatsu
105)	curimatã	kurimatã
106)	sardinha	upari
107)	pirabotão	kajtsuri
108)	surubim	tsuri
117)	pirarucú	iwatsu
118)	peixe-boi	iwara
119)	pirarara	ananíwa
120)	pacamum	muniwatsu
121)	piraíba	waramama
122)	dourado	wara
123)	pacu	tapaka
124)	pirapitinga	paku
125)	bodó	inia
126)	traíra	tarira
127)	tucunaré	tukunari
128)	mandim	mani
129)	arauãná	arawana
130)	akara	akara
132)	tucano	--
133)	piriquito	tjuri

Das lacunas identificadas na sessão de elicitación do dia 28 de novembro de 1988, apenas as de números 6), 7), 15), 16), 21), 22), 24), 25), 27), 29), 87) e 88) não foram preenchidas ao longo das várias idas a campo de Cabral (dados, 1988-1996). É importante notar que houve esquecimento de nomes referentes a partes de plantas e palavras classificadoras como cacho e penca, as quais não necessariamente teriam integrado o léxico original compartilhado pelos falantes. Por outro lado, embora o consultor não tenha se lembrado da palavra para semente, lembrou a palavra *caroço*, a qual deve servir tanto para *caroço* quanto para *semente*, pois tem como fonte a palavra semente *ts-ãj* da língua Tupí-Guaraní que participou da formação do Kokáma. Quanto à palavra para aranha, quando solicitada pela primeira vez, não foi lembrada, mas na segunda vez foi bem lembrada.

A lista de palavras solicitadas aos Kokáma por Cabral é extensa, mas a pequena lista apresentada aqui mostra que as lacunas são mínimas.

Na elicitación sobre termos de parentesco, o único nome que não foi lembrado foi o correspondente à avó materna *nai*. Os Kokáma do Brasil estavam usando para se referirem à avó a mesma palavra para avô *amuj*, o que pode ter sido interferência do Português, em que a diferença entre avô e avó é apenas na qualidade da última vogal.

92) *penu* *kana* *amoj* *kujanu*

23FF PLU avô magro

‘a avó de vocês é magra’

No entanto novos dados coletados pelos alunos Kokáma do *Curso de licenciatura para professores indígenas do Alto Solimões*, já no ano de 2008, junto a parentes Kokáma mostraram que a palavra *nai* ‘avó’ ainda é lembrada por alguns Kokáma.

Na gravação da elicitación do dia 15 de dezembro de 1988, fita 11, lado A, Cabral pergunta sobre verbos, alguns não foram lembrados. Estes foram os verbos ‘começar’, ‘pendurar’, ‘emendar’, ‘escrever’, ‘educar’, ‘aprender’, ‘ensinar’.

Muitas das lacunas são justificáveis pelo tempo que passaram sem usar a língua. As viagens de campo realizadas por Cabral aos Kokáma foram estimulantes para eles. Ao compararmos as primeiras gravações com as últimas, percebe-se claramente a diferença. Nessas últimas gravações, os Kokáma estavam muito mais à vontade com a sua língua nativa.

5.2 Conclusão

Neste capítulo reunimos algumas observações sobre as reduções lexicais ocorridas na lembrança dos últimos falantes do Kokáma no Brasil. Ressaltamos que as evidências trazidas pelos dados elicitados por Cabral entre 1988 e 1996 são a favor da idéia de que as reduções foram mínimas no âmbito do léxico.

CONCLUSÃO

Nesta dissertação comparamos dados do Kokáma do Brasil coletados por Ana Suelly Arruda Câmara Cabral entre 1988 e 1996 com dados presentes nos trabalhos de Faust e Pike (1959), Faust (1972) e Espinosa (1989) com o objetivo principal de identificar reduções ocorridas na fala dos últimos falantes nativos do Kokáma do Brasil. Os resultados do trabalho foram surpreendentes no sentido em que, mesmo os Kokáma do Brasil tendo ficado quase 20 anos sem falar a língua nativa como primeira língua, usando essa língua em situações bastante limitadas e não tendo um número expressivo de falantes com quem se comunicar, mantiveram quase intacto o vocabulário que aprenderam com os seus pais e que usaram até os dez e quinze anos de idade. Também é impressionante como a memória dos Kokáma que trabalharam com Cabral foi sendo reavivada ao longo da pesquisa linguística realizada entre 1988 e 1996.

Para Thomason (2001, p. 229) as línguas moribundas sofrem como qualquer outra língua mudanças internas independentemente de atrito e que muitos processos de mudança que são comuns em situações de línguas moribundas são também comuns em situações de contato, nas quais não há línguas moribundas (p. 230). Essa autora mostra também que perdas lexicais em certos domínios ocorrem em todas as línguas do mundo através dos tempos, mas que as perdas drásticas de elementos lexicais ocorrem somente em casos de morte de línguas. Dada a situação de obsolescência em que se encontrava a língua Kokáma falada no Brasil na década de 1980, a memória dos Kokáma, muitos dos quais já nem tinham mais situações em que pudessem falar a língua aprendida na infância, continuava viva e plena, apenas com algumas lacunas, mas lacunas que poderiam ocorrer na lembrança de qualquer pessoa, mesmo falante ativa de sua língua nativa.

As reduções estruturais atestadas são simplificadoras e as perdas absolutas ocorreram no âmbito de estruturas complexas, como foram os casos das orações relativas sintáticas. Algumas simplificações já possuíam motivações anteriores, como a substituição do sufixo de propósito *-mira* pelo nominalizador *-tara*. As simplificações no sistema pronominal ocorreram na fala dos homens e não na fala das mulheres. Talvez por terem sido as mulheres mais ativas no uso da língua Kokáma em sua fase de enfraquecimento.

O estudo mostrou que, além do fato de o Kokáma ainda ser falado no Peru, o que conta importantemente para a possibilidade de revitalizar o seu uso no Brasil (embora lá

também esteja bastante ameaçado), os dados coletados por Cabral são muito importantes para os projetos de revitalização do uso da língua Kokáma no Brasil. Os dados mostram também que a memória dos últimos falantes de uma língua pode ser estimulada e que o conhecimento adquirido na infância pode ser reavivado mesmo depois de um longo período de silêncio.

É interessante notar que não há muita variação na fala dos últimos falantes do Kokáma no Brasil, um fato que possivelmente pode estar relacionado ao tipo de língua que é o Kokáma, uma língua com fonologia simples e com palavras que, em sua maioria correspondem a um único morfema, além de não apresentar flexão.

As lacunas observadas na fala dos últimos Kokáma do Brasil deverão servir de referência na construção de estratégias para o seu ensino nas escolas das aldeias e de pequenas localidades mestiças em que vivem crianças Kokáma, para o quê dados do Kokáma do Perú, assim como os dados coletados por Cabral no Brasil serão fundamentais.

Maher (2006, p.22), em seu artigo “Formação de Professores Indígenas: uma discussão introdutória” focaliza o modelo de ensino que fortalece o ensino das línguas e culturas nativas nas escolas indígenas:

E sob seus princípios que é construído o Modelo de Enriquecimento Cultural e Lingüístico. Nele, o que se quer promover é um bilingüismo aditivo: pretende-se que o aluno indígena adicione a língua portuguesa ao seu repertório lingüístico, mas pretende-se também que ele se torne cada vez mais proficiente na língua de seus ancestrais. Para tanto, insiste-se na importância de que a língua de instrução seja a língua indígena ao longo de todo o processo de escolarização e não apenas nas séries iniciais. Além disso, esse modelo busca promover o respeito às crenças, aos saberes e às práticas culturais indígenas. É importante esclarecer que a formulação dessa política educacional não aconteceu por acaso. Ela é fruto de um movimento de fortalecimento político das associações indígenas. Apoiadas por entidades da sociedade civil, as populações indígenas passaram, no final da década de 70, a se organizar politicamente em todo o território brasileiro. É por isso que vimos o índio ressurgir das cinzas nos anos 80.

Se os Kokáma atuais por razões históricas foram obrigados a mudar de língua, mas se sua luta tem sido para promover a aprendizagem da língua de seus ancestrais para primeiramente falá-la como se fosse uma segunda língua, e com a esperança de voltar a tê-la como primeira língua, vale a pena acreditar que essas etapas são possíveis. Isso porque há uma forte vontade da parte dos Kokáma e também pelos dados existentes sobre essa língua. A luta pelo ensino da língua Kokáma no Brasil, começou justamente nos anos 1980, através do Seu Antônio Samias e de seu filho Francisco Samias. A luta dos Kokáma continua, agora ao longo do Solimões. Em muitas comunidades Kokáma os jovens tentam registrar tudo sobre a

língua e a cultura Kokáma que persiste na memória dos mais velhos. O sonho de Seu Antônio Samias vem assim se realizando: os Kokáma se reconhecem como tal e lutam pelos seus direitos, dentre os quais o ensino da língua Kokáma em suas escolas, por entenderem que ela é a expressão maior do ser Kokáma.

Esperamos aplicar os resultados desta dissertação e os resultados dos estudos futuros para os quais este trabalho abre caminho, na construção de materiais didáticos e procedimentos didático-pedagógicos para o ensino da língua Kokáma no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, Lucien. Matériaux pour Servir à l'Établissement d'une Grammaire Comparée des Dialectes de la Famille Tupi-Guaraní, *Bibliothèque Linguistique Américaine*, Tome XVIII, 1896.

CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara ; RODRIGUES, A. D. . Evidências de crioulição abrupta em Kokáma?. *Papia Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*, Brasília, v. 13, p. 180-186, 2003.

CABRAL, A. S. A. C. New observations on the constitution of Kokáma/Omágua: a language of the boundary Brazil, Peru, and Colombia. In: Leo Wetzels. (Org.) *Symposium on Languages and Cultures in the Andean/Amazonian Border*. Amsterdam: CNWS Publications, 2007, v. 1, p. 365-379.

_____. En qué sentido el Kokáma no es una lengua Tupi-Guaraní. In: *Actas del I Congreso de Lenguas Indígenas de Sudamérica*. Lima: Universidad Ricardo Palma, Lima, 2000, v. II, p. 237-251.

_____. *Contact-Induced Language Change in the Western Amazon: The Non-Genetic Origin of the Kokama Language*. 415 pgs. University of Pittsburgh, 1995. (tese de doutorado).

CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara. & VIEGAS, Chandra Wood. *Reduções lexicais e gramaticais na fala dos últimos falantes nativos do Kokáma no Brasil* (prelo).

CAMPBELL, L.; MUNTZEL, M. C. The structural consequence of language death. In: Dorian, N. C. (org.). *Investigating obsolescence: studies in language contraction and death*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p. 181-196.

CARVALHO, Márcia Goretti Pereira de. *Sinais de morte ou de vitalidade? Mudanças estruturais na língua Tembé: contribuição ao estudo dos efeitos de contato lingüístico na Amazônia oriental*. 2001. 120 f. Dissertação (Mestrado)- Curso de Mestrado em Letras, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Para, Belém.

DORIAN, N. C.. A Response to Ladefoged's Other View of Endangered Languages. *Language* 69, 1993, p. 575-79.

_____. *Language death: the life cycle of a Scottish Gaelic dialect*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1981.

_____. Linguistic lag as an ethnic marker. *Language in Society*, n. 9, p. 33-41, 1980.

_____. The problem of the semi-speaker in language death. *International Journal of the Sociology of Language*, n.12, p. 23-32, 1977.

_____. Grammatical change in a dying dialect. *Language*, n. 49, p. 413-38, 1973.

DRESSLER, Wolfgang U. Language shift and language death - A protean challenge for the linguist, *Folia Linguistica* XV/1-2, 5-28, 1981.

ESPINOSA, Lucas. Breve Dicionário Analítico Castellano-Tupí del Perú. Sección Cocama. Iquitos-Perú, 1989.

Enciclopédia Povos Indígenas no Brasil. Disponível em <http://www.isa.org.br/pib/epi/kokama/kokama.shtm>. Acesso em: Fevereiro de 2006

Enciclopédia Povos Indígenas no Brasil. Disponível em <http://www.isa.org.br/pib/epi/kokama/loc.shtm>. Acesso em: Fevereiro de 2006

FAUST, Norma. *Gramática Cocama: Lecciones para el Aprendizaje del Idioma Cocama. Série Lingüística Peruana*, N° 6. Ministério de Educacion. Instituto Linguistico de Verano, 1972.

_____. Cocama clause types. In: David Bendor-Samuel (ed.), *Tupi studies 1*, 73-105. Summer Institute of Linguistics Publications in Linguistics and Related Fields, 29. Norman: Summer Institute of Linguistics of the University of Oklahoma. 1971

_____. Brief Cocama vocabulary = Vocabulário kokama. In: *Série linguística especial, no. 1*, 56-75. Rio de Janeiro, 1959.

_____. *El lenguaje de los hombres y mujeres en cocama*. Perú Indígena 10(22-23): 115-17. 1963

FAUST, Norma; PIKE, Evelyn G. Tradução para o português de Enny Marins de Lima. O sistema fonêmico do kokama. pag. 11 a 55. In: *Série Lingüística Especial*, Publicações do Museu Nacional. N.º 1, Rio de Janeiro, Brasil, 1959.

HILL, J. H. The social functions of relativization in obsolescent and non-obsolescent languages. Dorian, N. C. (org.), *Investigating obsolescence: studies in language contraction and death*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p. 149-166.

_____. Language death, language contact and language function. In: *Corum, Smith-Stark & Weiser*, 1978.

_____. Subordinate clause density and language function. In: *Corum, Smith-Stark & Weiser*, 1973.

LEMLE, Miriam. International Classification of the Tupi-Guarani Linguistic Family. In: D. Bendor-Samuel, ed., *Tupi Studies I*, 1971, p.107-129.

LOUKOTKA, C. Classification of South American Indian Languages. Los Angeles: Layin American Center, University of California, 1968.

MAHER, T. M. Formação de Professores Indígenas: uma discussão introdutória. In: L. D. B. Grupioni. (Org.). Formação de Professores Indígenas: repensando trajetórias. *Brasília: MEC/SECAD*, 2006, v. , p. 11-38.

MELLATTI, Julio Cezar. *Índios da America do sul, Regiões Etnográficas, Alto Amazonas*, cap.15. Disponível em <http://www.geocities.com/juliomelatti/ias-e/txaltama.htm>, Acesso em 29/05/2009

PORRO, Antônio. *As crônicas do Rio Amazonas*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1992.

SOARES, Marília Lopes da Costa Facó. A perda da nasalidade e outras mutações vocálicas em Kokama, Asurini e Guajajara. Rio de Janeiro : UFRJ, 1979. (Dissertação de Mestrado)

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Relações internas na Família linguística Tupí-Guaraní'. In: *Separata dos volumes XXVII/XXVIII, Revista de Antropologia*. São Paulo. 1984/1985.

_____. A classificação do Tronco Lingüístico Tupi. *Revista de Antropologia* 12. São Paulo, 1964, p. 99-104.

TAYLOR, Allan R. Problems in obsolescence research: the Gros Ventres of Montana. In: Dorian, N. C. (org.). *Investigating obsolescence: studies in language contraction and death*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

THOMASON, S. G. & KAUFMAN, T. *Language Contact, Creolization and Genetic Linguistics*. University of California Press, 1988.

THOMASON, Sarah G. *Language contact: An introduction*. Washington, D.C.: Georgetown University Press. 2001.

VIEGAS, Chandra Wood. *Material de apoio aos professores Kokáma: Makatipa na utsu?*. Universidade de Brasília, Volume 1, 2009. DVD.

VALLEJOS, Rosa Yopán. *Fonología de la variedad kukamiria del río Huallaga*. Programa de Formación de Maestros Bilingües de la Amazonía Peruana, Serie: Fonología, Iquitos, Peru. 2006.

_____. *Entre flexión y derivación: Examinando algunos morfemas en Cocama-Cocamilla*. Ponencia presentada en el Congreso de Idiomas Indígenas de Latino America II, University of Texas at Austin, 2005.

_____. *Basic Clauses in Kokama-Kokamilla*. M. A. Thesis University of Oregon. 2004.

_____. *El sistema de Casos en la Lengua Cocama: Variedad Cocamilla*. Tesis de Licenciatura. Universidad Nacional Mayor de San Marcos. 2000.

_____. Morfemas Funcionales en Cocama-Cocamilla. In: Miranda Esquerre, Luis (Ed). *Actas del I Congreso de Lenguas Amerindias de Sudamérica*. Universidad Ricardo Palma. Lima, Peru. 2000.

Ini ícua cuatiarayara. 1956. [Yarinacocha]: Instituto Lingüístico de Verano. 2 booklets 34, 32 p. http://www.sil.org/americas/peru/show_work.asp?id=20857

- Cuatiaran 1. 1956. [Yarinacocha]: Instituto Lingüístico de Verano. 34 p.
http://www.sil.org/americas/peru/show_work.asp?id=20846
- Cuatiaran 2. 1956. [Yarinacocha]: Instituto Lingüístico de Verano. 36 p.
http://www.sil.org/americas/peru/show_work.asp?id=20847
- Cuatiaran 3. 1956. [Yarinacocha]: Instituto Lingüístico de Verano. 44 p.
http://www.sil.org/americas/peru/show_work.asp?id=20848
- Cuatiaran 4. 1957. [Yarinacocha]: Instituto Lingüístico de Verano. 36 p.
http://www.sil.org/americas/peru/show_work.asp?id=20849
- Cuatiaran 5. 1957. [Yarinacocha]: Instituto Lingüístico de Verano. 35 p.
http://www.sil.org/americas/peru/show_work.asp?id=20850
- Cuatiaran 1A. 1957. [Yarinacocha]: Instituto Lingüístico de Verano. 32 p.
http://www.sil.org/americas/peru/show_work.asp?id=20851
- Cuatiaran 2A. 1957. [Yarinacocha]: Instituto Lingüístico de Verano. 40 p.
http://www.sil.org/americas/peru/show_work.asp?id=20852
- Cuatiaran 4A. 1957. [Yarinacocha]: Instituto Lingüístico de Verano. 40 p.
http://www.sil.org/americas/peru/show_work.asp?id=20853
- Cocama cuatiaran era erucuatata. 1957. [Yarinacocha]: Instituto Lingüístico de Verano. 36 p.
http://www.sil.org/americas/peru/show_work.asp?id=20858
- Cuatiaran I-1. 1960. [Yarinacocha]: [Instituto Lingüístico de Verano]. 36 p.
http://www.sil.org/americas/peru/show_work.asp?id=20854
- Cuatiaran I-2. 1961. [Yarinacocha]: [Instituto Lingüístico de Verano]. 36 p.
http://www.sil.org/americas/peru/show_work.asp?id=20855

ANEXO A - Contribuições dos pesquisadores Kokáma

Um dos meios de incentivo da transmissão e do aprendizado da língua vem sendo os recursos audiovisuais e o ensino da língua Kokáma no *Curso de licenciatura para professores indígenas do Alto Solimões* (Universidade Estadual do Amazonas - UEA - em parceria com a Organização Geral dos Professores Ticunas Bilíngues - OGPTB).

As pesquisas desenvolvidas por alunos do *Curso de licenciatura para professores indígenas do Alto Solimões* e outros professores-pesquisadores Kokáma têm identificado lembradores da língua Kokáma, como é o caso do Sr. Luis Xota de 90 anos de idade, morador de dentro do Rio Iça. Seu Luis Xota desde criança escutava a sua mãe falar a língua Kokáma, mas não a falava só a entendia. No ano 1996 ele começou a aprender a falar a língua, ano em que surgiram organizações Kokáma na região, conforme Leonel Magalhães de Souza, um dos alunos do curso, esse foi um estímulo para o Sr. Luis Xota falar a língua. Leonel realizou uma pesquisa junto a esse senhor. Com essa pesquisa e a pesquisa de outros alunos do mesmo curso, são identificados novos lembradores da língua Kokáma no Brasil.

Há também a escola *Atawanã kwaratxi*, localizada na comunidade Nova Esperança do Brasileirinho, em Manaus, a qual possui alunos de todas as idades, sendo 30 crianças, 10 jovens e 18 pessoas mais velhas. Há também a escola da comunidade *Ritama kamata tsuri* situada em Benjamin Constant. Além desses programas de ensino, há no Peru um Programa de *Formación de Maestros Bilíngues de la Amazonía Peruana* - FORMABIAP - que ensina a língua Kokáma como L2.

A mobilização do povo Kokáma para aprender a língua de seus ancestrais é um fato reconhecido pelo sistema de ensino do estado do Amazonas. Os Kokáma lutam para reavivar o uso da língua indígena que só não desapareceu completamente no Brasil pela força de seus últimos lembradores, a maioria dos quais já morreu, e que lutaram e têm lutado para que as novas gerações retomem o uso da língua Kokáma. Atualmente muitos jovens Kokáma procuram também valorizar as músicas, o artesanato, a culinária, e vários outros aspectos da cultura Kokáma.

Além de Leonel, há vários outros jovens pesquisadores da língua Kokáma no Brasil, dentre os quais os professores Origenes Corrêa Rubim, Altaci Corrêa Rubim e Washington Gerome Macedo. Destacamos também a atuação do Padre Ronald

MacDonell que tem se empenhado em ensinar a língua Kokáma em algumas localidades Kokáma no Brasil.

O Prof. Orígenes Corrêa Rubim, um dos jovens pesquisadores da língua Kokáma, foi escolhido pela comunidade Brasileirinho para ser o professor de língua Kokáma. Em 2007 foi contratado pela Secretaria municipal de Educação, por meio da Gerência de Educação Escolar Indígena para ser professor da língua Kokáma. Orígenes sabia algumas palavras isoladas Kokáma, mas não tinha consciência de que eram de origem Kokáma. Foi a partir de 2007, quando passou a ser assessorado pelo Padre Ronald, que tomou consciência do fato e deu início ao estudo e à pesquisa da língua Kokáma no Brasil.

Seu Felisberto é uma liderança da comunidade Nova Jordânia de São Paulo de Olivença (Amazonas). Ele incentiva e apóia os movimentos de luta pelo território, saúde, educação diferenciada e ainda pelo uso da língua como forma de fortalecimento da identidade Kokáma. Apóia também o fortalecimento das danças, dos artesanatos, das comidas típicas e dos remédios medicinais dos Kokáma.

Em Santo Antônio do Iça, os Kokáma das comunidades São Gabriel e São José também desenvolvem processos de revitalização da língua e da cultura Kokáma, sobretudo com o apoio de pessoas idosas que mantêm na memória conhecimentos tradicionais do povo Kokáma.

Assim os Kokáma vão aumentando a rede de pesquisadores e professores de língua e cultura Kokáma no Brasil.

Sobre materiais já realizados pelas pesquisadoras do Laboratório de Línguas Indígenas (LALI) da Universidade de Brasília que atuam no Programa de Formação de Professores Kokáma da Universidade Estadual do Amazonas (UEA)

Alguns dos produtos realizados até o presente foram:

- 1- Um CD contendo músicas tradicionais dos Kokáma, gravadas durante o Curso de licenciatura para professores indígenas do Alto Solimões, em 2006. O cantor do grupo e um dos últimos falantes do Kokáma no Brasil, Seu André Samias, faleceu em julho de 2009.

- 2- Tradução da GRAMÁTICA KOKÁMA de Norma Faust (publicada em Série Linguística Peruana, nº 6, 1972). A tradução e adaptação do texto do livro foi realizada por Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, Chandra Wood Viegas, Pe. Ronald MacDonell sob a supervisão de Aryon Dall'Igna Rodrigues.

- 3- Um vídeo “Língua Kokáma”, produzido pelos graduandos Kokáma na VI Etapa do curso, sob a direção de Chandra Wood Viegas e editado por Jorge D. Pennington (www.tvnavegar.com.br).

- 4- Um DVD interativo, que é um material de apoio aos professores Kokáma. O DVD é intitulado *Makatipa na utsu?*. Foi organizado por Chandra Wood Viegas. Conteúdo: Alguns dos dados coletados por Ana Suelly A. C. Cabral, vídeo “Língua Kokáma” 2009, fotos dos alunos e músicos Kokáma, e músicas tradicionais Kokáma (Anexo B).

ANEXO B - Descrição do DVD - Volume 1

O primeiro material multimídia criado para ser utilizado pelos professores da língua Kokáma do *Curso de licenciatura para professores indígenas do Alto Solimões* possui o seguinte conteúdo:

Capa:



Menu Principal:

1- Dados em áudio

a) dados em áudio (alguns dos dados coletados pela Dr^a. Ana Suelly A. C. Cabral no período de 1988 a 1996, editados por Chandra W. Viegas). Os dados foram digitalizados com o Marantz e editados utilizando programas como Sound Forge 7.


2- Vídeo Kokáma

a) Vídeo bruto

b) Vídeo editado por Jorge D. Penington: www.tvnavegar.com.br (vídeo produzido pelos graduandos Kokáma na VI Etapa, com direção de Chandra W. Viegas).

• início • assista • navegue pelo mapa • sobre a tv navegar • equipe • comentários • navegar amazônia • contato

Colaboradores
Amazônia segundo Rinaldo Arruda



video | 40 anos de opan - ivar busatto
A Operação Amazônia Nativa (OPAN) é uma entidade indigenista, fundada em 1969, que desenvolve Projetos de Trabalho nos campos da saúde, educação, economia e defesa da terra junto às comunidades indígenas na região Centro-Oeste e Norte do Brasil.
+ Assista

video | língua kokáma
A língua Kokáma é falada como primeira língua apenas no Peru, sendo lembrada por algumas pessoas no Brasil (Alto e Médio Solimões) e na Colômbia. No Brasil encontra-se em processo de revitalização, ensinada como segunda língua desde 2006.
+ Assista

video | o enigma dos zuruahã
Uma marca desse grupo é o alto índice de suicídios, por meio da ingestão de konaha. Na entrevista, Miguel Aparicio da OPAN fala sobre a experiência de presenciar suicídios coletivos enquanto esteve em contato com esse povo.
+ Assista

video | pele verde
O Navegar Amazônia realizou uma expedição em áreas de preservação no estado do Amazonas. Dessa viagem resultou uma série denominada Pele Verde, 10 documentários de 4 minutos cada. Somente na semana de sua estreia, teve 200.000 visitantes, em 140 países.
+ Visite o site

CIDADE
CIVILIZADA

OPAN
Operação Amazônia Nativa

Fábrica
Estratégica

USAID
FROM THE AMERICAN PEOPLE

NAVEGAR
AMAZÔNIA

creative
commons

UEFA
UNIVERSIDADE
ESTADUAL
DE FORTALEZA

DIREÇÃO

Este vídeo foi dirigido por Chandra Wood Viegas, auxiliar da Prof^ª. Dr^ª. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral na disciplina Língua Kokáma, no *Curso de licenciatura para professores indígenas do Alto Solimões*. Chandra Wood Viegas ministrou aulas na V e VI etapas do curso.

PRODUÇÃO

Os alunos que produziram este vídeo são graduandos em *Estudo da linguagem A*, com habilitação em Língua Kokáma, Língua Portuguesa e Língua Espanhola. As filmagens foram realizadas durante a VI Etapa do curso. As aulas ocorrem na Aldeia Filadélfia em Benjamin Constant - AM.

3- Fotos

- a) 20 anos de OGPT (2006).
- b) V Etapa do *Curso de licenciatura para professores indígenas do Alto Solimões* (2/2008).
- c) VI Etapa do *Curso de licenciatura para professores indígenas do Alto Solimões* (1/2009).
- d) graduandos do *Curso de licenciatura para professores indígenas do Alto Solimões* com habilitação em Português, Espanhol e Kokáma.

a) 20 anos de OGPT (2006)



Foto: Jussara Gomes Gruber

Profª Ana Suelly A. C. Cabral



Gravação de músicas tradicionais dos Kokáma (2006)

b) V Etapa do *Curso de licenciatura para professores indígenas do Alto Solimões* (2/2008)

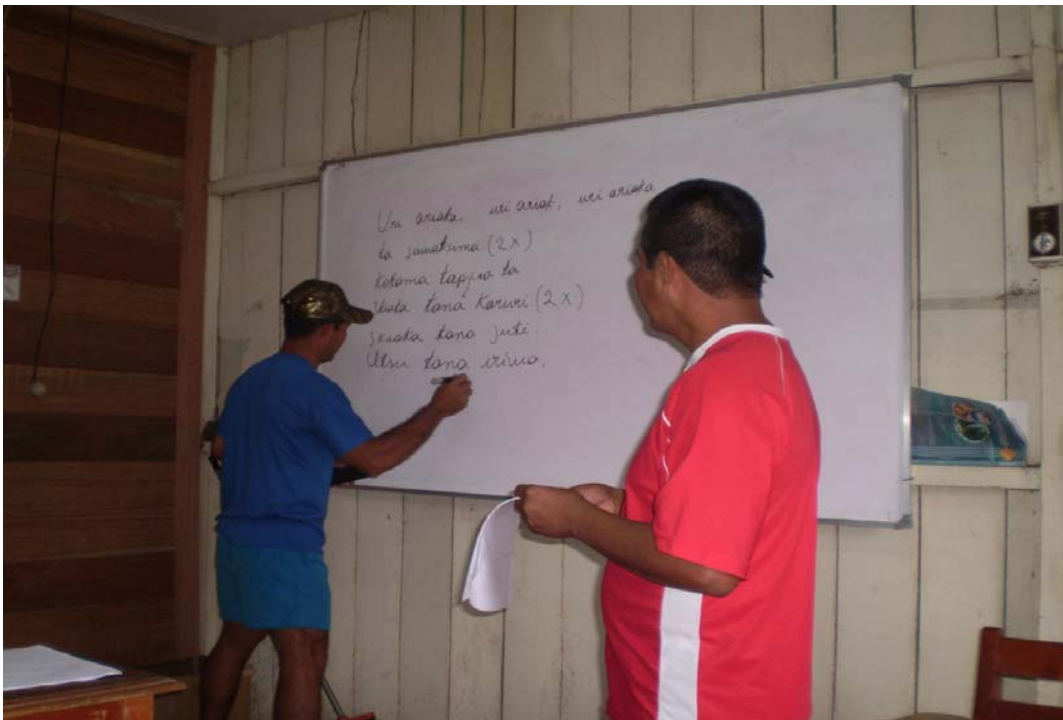


Tururí





c) VI Etapa do *Curso de licenciatura para professores indígenas do Alto Solimões* (1/2009)





Oficina ministrada por Washington Gerome Macedo

d) Graduandos com habilitação em Português, Espanhol e Kokáma



Lúcia Maria Lopes



Edimar Ribeiro Ramires



José Maria Moraes Arcanjo



Orlanda Salvador Sandoval



Leonel Magalhães de Souza

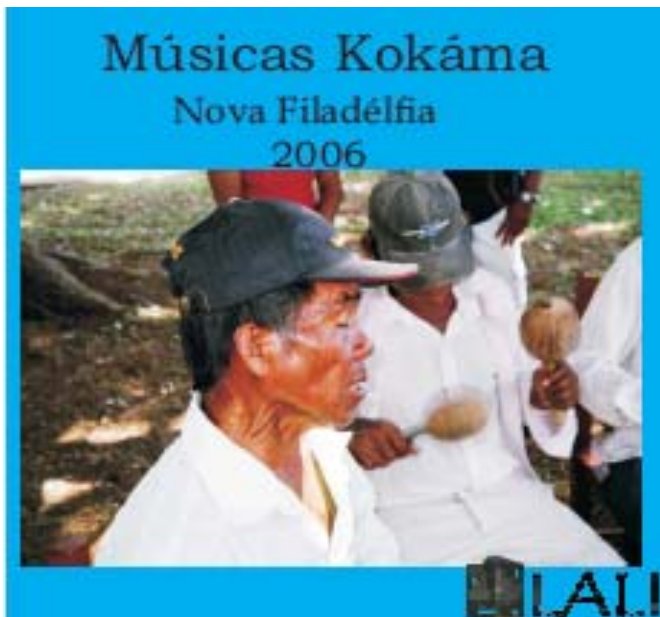


Luciana Macedo Tananta



Osias Aicate Aiambo

4- Músicas do 1º CD dos Kokáma gravadas pela Dra. Ana Suelly A. C. Cabral



VII Etapa do *Curso de licenciatura para professores indígenas do Alto Solimões* (2/2009)



Entrega dos DVDs pela Profª. auxiliar Chandra Wood Viegas



Oficina “Álbum Seriado” ministrado por Altaci Corrêa Rubim



Crianças Kokáma - Guanabara II-AM



Apresentação do vídeo “Língua Kokáma” em Guanabara II-AM



Entrevista feita por Leonel Magalhães ao Sr. Mauro (flautista Kokáma), GuanabaraII-AM

VIII Etapa do *Curso de licenciatura para professores indígenas do Alto Solimões* 1/2010:



Sr. Rafael residente na comunidade Leoncio Ramirez-Peru



Sr^a. Julia residente na comunidade Leoncio Ramirez-Peru



Visita dos professores Kokáma à comunidade Leoncio Ramirez-Peru



Feitio da “Pupeca”, comida tradicional Kokáma, por D^a. Lúcia Maria Lopes